

The cover features a photograph of an antique Bible with a worn, dark leather cover. The spine of the Bible is visible, with the word 'BIBLIA' printed in gold. Next to the Bible is a silver pocket watch with a white face and Roman numerals. In the foreground, a cluster of several old, dark metal keys is scattered. The background is a light-colored, textured surface.

RA

REVISTA
ADVENTISTA

Dez chaves para interpretar o Apocalipse

13

PRINCÍPIOS BÍBLICOS DA
OBSERVÂNCIA DO SÁBADO
(Parte II)

21

MORDOMIA: MULTIPLICAR
RECURSOS COM SABEDORIA
Seja fiel.

29

VER ATRAVÉS
DOS OLHOS DE DEUS
O que vê?



PUBLICADORA SERVIR
JUNHO 2021
N. 889 | ANO 82 | €1,90

3⁺Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

junho

D	S	T	Q	Q	S	S
30	<u>31</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
6	<u>[7]</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>
13	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>
20	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>
<u>[27]</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

11 e 12 FORMAÇÃO MINISTÉRIOS DA MULHER (ZOOM)

12 DIA DE ÊNFASE NOS MINISTÉRIOS DA MULHER

12 ENCONTRO NACIONAL "DISCÍPULO +1" (ZOOM)

19 DIA DOS REFUGIADOS

20 SAL

22 CONGRESSO "CIDADANIA E RELIGIÃO" (ZOOM)

26 AÇÃO DE GRAÇAS DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO – REASD

27 ENCONTRO NACIONAL DE ORAÇÃO DAS FAMÍLIAS

27-29 CONVENÇÃO DE COLPORTORES

27-01/7 FEJA PARA PASTORES

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

31/5-4 FACULDADE DE VILLA AURORA (ITU)

7-11 UNIÃO DO SUL DA ALEMANHA (SGU)

14-18 UNIÃO SUÍÇA (SWU)

21-25 FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO ASD NA ALEMANHA (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[7] SEGUNDA-FEIRA

[c] CAMINHOS

[27] DOMINGO

julho

D	S	T	Q	Q	S	S
27	28	29	30	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	[12]	13	14	15	16	17
18	19	20	21	[22]	23	24
25	26	27	28	29	30	31

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2-4 ACNAC LOGOS

3 DIA DE JEJUM E ORAÇÃO

4-9 FORMAÇÃO EM SAÚDE PARA OBREIROS DA UPASD

4-30 COLPORTAGEM JOVEM

10 FESTIVAL DO HINO

11-1/8 JOVENS POR JESUS

15-18 ACNAC REBENTOS

17 DIA DOS MINISTÉRIOS DOS MEDIA

18 SAL

24 DIA DA ESCOLA SABATINA INFANTIL

25-1/8 ACNACTIÇÕES

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

28/6-2 ASSOCIAÇÃO ESLOVACA (CSU)

5-9 FACULDADE DE SAGUNTO (SPU)

12-16 ASSOCIAÇÃO DE BERLIM E DA ALEMANHA CENTRAL (NGU)

19-23 CASA PUBLICADORA ROMENA (ROU)

26-30 ASSOCIAÇÃO DO SUL DE FRANÇA (FBU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[12] SEGUNDA-FEIRA

[22] QUINTA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 22:47

[c] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

04

EDITORIAL

A Cortina Descerrada

32

ESPÍRITO DE PROFECIA

História profética

A importância do Apocalipse.

33

ESPAÇO JUVENIL

O Livro de Apocalipse

Fica a conhecer o livro mais enigmático da Bíblia.

36

PÁGINA DA FAMÍLIA

O amor não incomoda

O valor do amor.

38

MEMÓRIAS DA NOSSA HISTÓRIA

As crônicas evangelísticas de C. E. Rentfro na *Review and Herald* (Parte II)

Fique a conhecer o trabalho pioneiro do fundador do Adventismo em Portugal.



DESCOBRIR

05

Dez chaves para interpretar o Apocalipse

Saiba como interpretar o livro mais difícil da Bíblia.

13

Princípios bíblicos da observância do Sábado (Parte II)

Um conhecimento fundamental para quem quer guardar fielmente o dia do Senhor.



DESENVOLVER

21

Mordomia: Multiplicar recursos com sabedoria

Sirva o Senhor com os seus recursos e veja-os multiplicarem-se.



DAR

29

Ver através dos olhos de Deus

Do Islão para o Cristianismo.



EDITORIAL

Pr. Antônio Amorim
Presidente da UPASD

A Cortina Descerrada

A profecia bíblica é como o descerrar da cortina da análise do espírito, para além do que consegue alcançar. A profecia bíblica é, ao mesmo tempo, revelação da trama de fundo no passado, como a elucidação sobre acontecimentos no presente, e propósito ou sentido para os acontecimentos que se esperam. Neste caso, a profecia bíblica está intimamente ligada à fé, “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hebreus 1:1). Ela só pode ser compreendida, e discernida, pela fé, numa lógica de fé, na certeza e na confiança de Deus e da Sua Palavra. Esta fé tem, no entanto, um elemento racional na lógica dos pressupostos e no sentido do desencadear dos acontecimentos. A lógica das profecias realizadas atesta a sua veracidade, reforça a confiança e garante a realização da revelação futura.

A profecia representa também um campo propício para as especulações, as teorias da conspiração e o engano, se mal-interpretada e mal-utilizada. Este tipo de engano é mortal, não apenas para a fé, desacreditada e descredibilizada, mas para a vida eterna, devido à deturpação da visão espiritual sobre a História no contexto do conflito entre o bem e o mal. É assim que os “falsos profetas” representam um perigo mortal, anunciado por Jesus Cristo, como sinal do fim (Mateus 24:11). O perigo destes falsos profetas está no poder sobrenatural que têm para enganar, seja através de “prodígios”, seja pela deturpação do verdadeiro sentido da revelação que

reforça a fé (Mateus 24:24). A única forma de se estar seguro de não cair no engano, e de se manter este tipo de fé humilde que liga o estudante da Bíblia a Deus, é procurando obter d’Ele o discernimento do Espírito, para que Deus abra os olhos do entendimento para se ver o que está atrás da cortina. As chaves para a correta interpretação das profecias são elementos importantes para não se cair nos sofismas de mentes presunçosas, que se consideram divinamente esclarecidas e se permitem prognósticos que induzem ao erro e à descrença. O dom de profecia pode fazer do crente um “vidente”; porém, o estudo da profecia não faz do estudante um prognosticador. A profecia bíblica faz do seu estudante um leitor dos acontecimentos, confiante nos eventos salvíficos por vir, e fortalecido nas promessas de Deus. A profecia bíblica revela, assim, as consequências das tramas humanas e a soberania da ação divina na História. A profecia bíblica revela o cuidado e o amor de Deus, juntamente com o Seu chamado para a fidelidade e para a perseverança. Que Deus nos ajude a sermos estudantes humildes e fervorosos da Sua revelação para hoje, para amanhã e para a eternidade!

“Nos anais da história humana, o desenvolvimento das nações, o nascimento e a queda dos Impérios, aparecem como que dependendo da vontade e das capacidades do Homem. O decorrer dos acontecimentos parece determinado, em grande medida, pelo seu poder, ambição ou capricho. Mas na Palavra de Deus a cortina é afastada, e podemos ver acima, para detrás e pelos lados, as partidas e contrapartidas do interesse, poder e paixões humanos – os agentes do Todo-Misericordioso – executando paciente e silenciosamente os conselhos da Sua própria vontade.” – Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 331, ed. P. SerVir.

DEZ CHAVES PARA INTERPRETAR O APOCALIPSE



Edwin Reynolds
Teólogo

*Retirado da Revista Adventista
brasileira de março de 2016.*

*Este artigo concentra-se em dez chaves que
ajudam o intérprete desta obra apocalíptica a
entender a sua natureza singular.*

O Apocalipse é, ao mesmo tempo, um dos livros mais importantes da Bíblia e um dos mais difíceis de ser compreendido. Ele ocupa um lugar singular na interpretação bíblica, pelo que precisamos de usar alguns critérios específicos para desvendarmos a sua mensagem. Este artigo concentra-se em dez chaves que ajudam o intérprete desta obra apocalíptica a entender a sua natureza singular.

1. GÉNERO

O Apocalipse reivindica ser uma profecia. No prólogo do livro é proferida uma bênção sobre aqueles que leem, ouvem e guardam as palavras “da profecia” (1:3). Também no epílogo encontramos uma declaração semelhante, pronunciada pelo próprio Jesus (22:7). E o anjo diz a João: “Não seles as palavras da profecia deste livro” (22:10). O mesmo anjo, ao que parece, considerava João como um dos profetas, porque se referiu aos “teus irmãos, os profetas” (22:9). Em 22:18 e 19, o Apocalipse é denominado “profecia” outras duas vezes.

No entanto, dizer que o Apocalipse é uma profecia é contar apenas

parte da história. O Apocalipse é um tipo muito especial de profecia. Não só é o único livro do Novo Testamento que lida quase que exclusivamente com o futuro, como é também o melhor exemplo de profecia apocalíptica bíblica. Mais do que isso, é o livro do qual o género literário apocalíptico deriva o seu nome. Embora não tenha sido a primeira obra apocalíptica, ele é o mais característico e o mais bem conhecido de todos os apocalipses existentes.

O Apocalipse também tem elementos de epístola. Após o preâmbulo (1:1-3), há uma típica introdução epistolar (1:4 e 5), que segue um estilo semelhante ao das epístolas paulinas. Primeiro, é apresentado o nome do autor, seguido por uma identificação dos destinatários. Finalmente, há uma saudação, que deseja graça e paz da parte de Deus. Na visão subsequente (1:9-3:22), sete cartas são ditadas a João pelo Cristo glorificado e enviadas às setes igrejas mencionadas em 1:11. Cada uma destas cartas, por sua vez, segue uma forma epistolar levemente modificada, na qual os destinatários são referidos antes

O APOCALIPSE TAMBÉM TEM ELEMENTOS DE EPÍSTOLA. APÓS O PREÂMBULO (1:1-3), HÁ UMA TÍPICA INTRODUÇÃO EPISTOLAR (1:4 E 5), QUE SEGUE UM ESTILO SEMELHANTE AO DAS EPÍSTOLAS PAULINAS.



que o autor se identifique. O livro em si também é concluído num estilo epistolar, com apelos, promessas e a bênção final (22:21).

2. PROPÓSITO

O Apocalipse tem um propósito explícito e um propósito implícito. O propósito explícito é declarado no primeiro versículo do livro: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer.” Ele mostra a orientação virada para o futuro do conteúdo da profecia do livro. Ao mesmo tempo, transmite um senso da iminência dos eventos vindouros, porque afirma que esses eventos “em breve devem acontecer”. O versículo 3 acrescenta que são abençoados aqueles que leem, ouvem e guardam as palavras da profecia, “pois o tempo está próximo”. Esta frase é repetida em Apocalipse 22:10.

Além deste propósito explícito de revelar o futuro como expectativa iminente, parece haver um propósito implícito que coincide com o primeiro. Ele é encontrado nos repetidos chamados à perseverança e à fidelidade da parte dos leitores e dos ouvintes. A profecia apocalíptica é dada para satisfazer as necessidades daqueles que estão a enfrentar a adversidade. Jesus apela aos crentes para que se mantenham firmes até que Ele venha, se necessário passando pela morte, de modo que recebam a coroa da vida (2:10, 25; 3:11). São feitas muitas promessas àqueles que vencerem por meio do sangue do Cordeiro, apesar dos obstáculos.

A profecia apocalíptica é dada para satisfazer as necessidades daqueles que estão a enfrentar a adversidade.

3. ESTRUTURA

Não há consenso entre os académicos sobre a estrutura geral do Apocalipse. No entanto, existem alguns elementos estruturais-chave sobre os quais a maioria está de acordo. Provavelmente o elemento estrutural mais importante é a divisão do livro em duas partes principais, uma enfatizando os eventos históricos da salvação e outra enfatizando os eventos escatológicos. A maioria dos académicos divide o livro entre os capítulos 11 e 13, o ponto que H. B. Swete, na obra *The Apocalypse of St. John*, denomina o “grande corte” do Apocalipse.

No entanto, muitos académicos Adventistas seguem a estrutura quiástica de Kenneth Strand, que localiza a divisão entre os capítulos 14 e 15. Em *The Lamb Among the Beasts*, Roy Naden propõe um quiasmo que divide o livro entre 12:10 e 12:11. Contudo, os capítulos 12-14 constituem a unidade que contém eventos históricos mesclados com eventos escatológicos, tornando difícil atribuí-los exclusivamente a uma secção. Os capítulos 12-14 podem ser denominados a “visão do Grande Conflito”, que retrocede ao início da rebelião no Céu e avança para a vitória dos redimidos glorificados com o Cordeiro no monte Sião. Em todo o caso, os capítulos 1-11 formam a secção histórica do livro e os



capítulos 15-22 formam a sua secção escatológica. É arriscado para o intérprete fugir desta diretriz estrutural.

Outro elemento estrutural importante é o uso explícito de “septenários” ao longo do livro. Há quatro: sete cartas, sete selos, sete trombetas e sete taças. Visto que os sete trovões não são desenvolvidos, eles não constituem um septenário estrutural. Alguns autores tentam estruturar todo o livro em septenários, mas isso vai além do que é evidente. Os septenários explícitos formam as unidades literárias que devem ser mantidas.

4. RELAÇÃO COM O ANTIGO TESTAMENTO

Nenhum outro livro é tão fortemente fundamentado no Antigo Testamento como o Apocalipse. João deve grande parte da sua teologia, do seu vocabulário e do seu simbolismo ao Antigo Testamento, embora seja sempre profundamente cristocêntrico. Isto implica aceitar a realidade de que ele contemplou coisas notavelmente semelhantes às revelações dadas aos profetas do Antigo Testamento e considerou conveniente descrever o que viu usando a linguagem e as formas de pensamento dessa parte da Bíblia.

Tentar compreender o Apocalipse sem reconhecer as suas raízes no Antigo Testamento significa impedir toda a interpretação do livro. Porém, João não se limitou a *transferir* conceitos do Antigo Testamento para o Apocalipse; ele *transformou-os* de acordo com os seus propósitos. É interessante notar que não há citações do Antigo Testamento no Apocalipse,



mas apenas antecedentes para os quais João parece apontar mediante referência indireta ou alusão.

5. UNIDADE

No início do século XX, houve algumas propostas a respeito da origem do Apocalipse que contestaram a sua unidade. Atualmente, já não é assim. A maioria dos académicos está de acordo sobre a unidade do livro. A complexidade da estrutura, interconectada como é, representa um dos argumentos mais convincentes em favor da sua unidade.

Em *The New Testament in its Literary Environment*, David Aune declara: “O Apocalipse de João é estruturalmente mais complexo do que qualquer outro apocalipse judaico ou cristão, e ainda está para ser analisado de modo satisfatório. Como outros apocalipses, ele é construído por uma sequência de episódios assinalados por vários marcadores literários, como a repetição de expressões estereotipadas (“Vi”, “Ouvi”, etc.), e por artifícios



literários, como quiasmos, intercalações (embora nunca interrompam a sequência narrativa), técnicas de interconexão (o uso de textos transicionais que concluem uma seção e introduzem outra) e várias técnicas estruturais (uso de septenários e de digressões).”

6. DUALISMO ÉTICO

Uma das características da literatura joanina, incluindo o Evangelho e as Epístolas, é o seu dualismo ético. Esse dualismo, que se refere ao contraste entre o bem e o mal e pode ser expresso e caracterizado de várias formas, é apresentado no Apocalipse, especialmente no tema do Grande Conflito, centrado no capítulo 12. Ele tem início com a guerra no Céu entre Miguel e o dragão e continua com a batalha na Terra entre, por um lado, o dragão e a besta, incluindo as suas cabeças e os seus chifres (os poderes civis terrestres que cumprem os propósitos do dragão) e, por outro lado, a mulher pura com a sua semente, primeiramente o Filho varão (o próprio Cordeiro mes-

siânico) e depois o remanescente da sua descendência. Este dualismo ético tem um vasto alcance no Apocalipse. Não há espaço para uma posição neutra. O ouvinte ou o leitor do livro deve identificar o lado correto, associar-se a ele e permanecer-lhe fiel.

7. TEMAS TEOLÓGICOS CENTRAIS

No Apocalipse destacam-se alguns temas teológicos. Um deles, muito importante, é a soberania de Deus. Outro é a justiça divina. Um terceiro aspeto é o processo da salvação. O quarto é o papel de Cristo na história da salvação. O quinto tema é o papel da Igreja no plano de Deus. O sexto é o papel da revelação e da profecia em comunicar o que é essencial à salvação. O sétimo é a função da decisão pessoal na preparação para o juízo. O povo de Deus, a Igreja, também desempenha uma parte significativa. Estas questões estão intimamente relacionadas.

Todo o livro é designado como sendo uma revelação profética, “a palavra de Deus e o testemunho de Jesus” (1:1-3). Esta não é meramente uma designação de género, mas trata-se de uma declaração teológica. A expressão

ESTE DUALISMO ÉTICO TEM UM VASTO ALCANCE NO APOCALIPSE. NÃO HÁ ESPAÇO PARA UMA POSIÇÃO NEUTRA. O OUVINTE OU O LEITOR DO LIVRO DEVE IDENTIFICAR O LADO CORRETO, ASSOCIAR-SE A ELE E PERMANECER-LHE FIEL.

“a palavra de Deus e o testemunho de Jesus”, que aparece ao longo do livro, está enraizada no conceito legal das duas testemunhas necessárias para se estabelecer a verdade. Este conceito transforma-se em imagem no relato das duas testemunhas no capítulo 11, que profetizam durante 1260 dias/anos e são martirizadas por causa do seu testemunho. As duas testemunhas representam a palavra de Deus e o testemunho de Jesus, ou o testemunho dos profetas e dos apóstolos. À medida que os leitores e os ouvintes do livro respondem ao testemunho profético que os chama à salvação e a permanecerem fiéis, preparam-se para o juízo vindouro. Tudo no Apocalipse deve ser compreendido à luz deste juízo iminente.

8. SANTUÁRIO

Outra importante chave para a compreensão do livro do Apocalipse é a percepção da abrangência com que o santuário funciona como pano de fundo da obra de Cristo em favor da nossa salvação. Isto ocorre em vários níveis. No primeiro nível, João menciona repetidamente o templo (3:12; 7:15; 11:1, 19; 14:15, 17; 15:5 e 6, 8; 16:1, 17; 21:22) e vários itens da mobília do santuário, como as sete lâmpadas que ardem diante do trono (4:5), as taças de ouro cheias de incenso (5:8) e os incensários de ouro cheios de incenso (8:3-5), o altar de ouro diante do trono (8:3, 5; 9:13) e a arca da aliança (11:19). Também há indivíduos que parecem vestir-se e agir como sacerdotes (4:4; 5:8; 7:13-15; 8:2-6; 14:18; 15:6 e 7). No segundo nível, João refere-se à execução de alguns dos ritos do santuário

(5:6, 9; 8:3-6). A referência frequente ao Cordeiro e ao sangue do Cordeiro é, em si mesma, uma explícita imagem do santuário. No terceiro nível, o Apocalipse parece seguir o ciclo das festas anuais associadas ao culto hebraico, que estava centrado no santuário.

9. SIMBOLISMO E NUMEROLOGIA

O livro de Apocalipse está repleto de simbolismo e de numerologia. O extenso uso de simbolismo é uma das características da literatura apocalíptica. Alguns números são apenas simbólicos, ao passo que outros parecem ter valor literal, embora também conttenham algum valor simbólico. A chave é saber quando algo deve ser considerado literalmente ou simbolicamente.

Richard Davidson apresenta uma sugestão para solucionar este problema. O conceito tem que ver com a subestrutura escatológica da tipologia do Novo Testamento. Num capítulo



sobre a tipologia do santuário publicada no livro *Symposium on Revelation*, Davidson nota que “na era da Igreja, os antítipos *terrestres* encontram, no reino espiritual da graça, um cumprimento *espiritual* (não literal), parcial (não final) e universal (não geográfico/étnico), visto que estão relacionados espiritualmente (mas não literalmente) com Cristo nos lugares celestiais. Assim, devemos esperar que, no Apocalipse, quando uma imagem relacionada com o santuário/templo é aplicada a um cenário *terrestre* na era da Igreja, haja uma interpretação *espiritual*, e não literal, visto que o templo na Terra é espiritual”.

Por outro lado, ele observa que, “durante a era da Igreja, o reino espiritual terrestre é superado pelo domínio literal de Cristo nos lugares celestiais. De maneira consistente com esta perspectiva neotestamentária, a tipologia do santuário do Apocalipse,

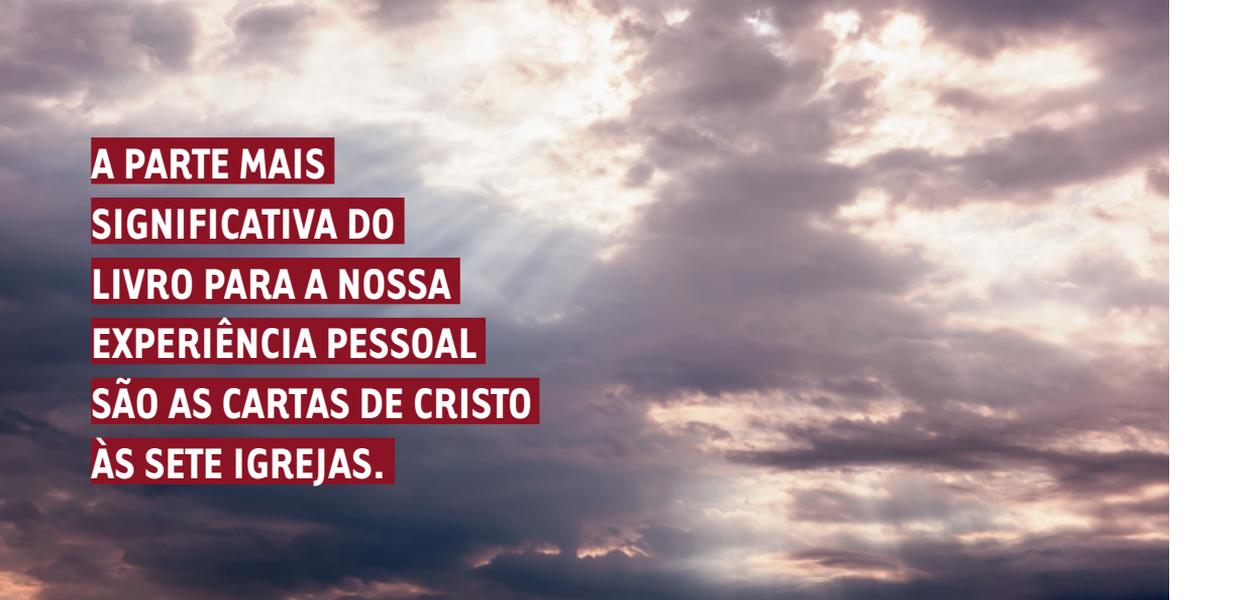
quando focalizada no *santuário celestial*, partilha da mesma modalidade que a presença de Cristo, ou seja, um cumprimento antitípico literal”.

Se este princípio hermenêutico for seguido, muitos problemas podem ser evitados. Apesar disso, os números ainda podem ter valor simbólico, até nas cenas celestiais. Determinar o que os diversos números significam exige meticulosa pesquisa bíblica. A base primária para se interpretar tanto o simbolismo como a numerologia no Apocalipse deve vir do interior das Escrituras.

10. MENSAGEM DE CRISTO

Ao interpretar o Apocalipse, devemos começar com as premissas corretas. O que o livro está a procurar comunicar? Alguns acreditam que João estava a escrever sobre eventos que ocorreriam na sua época. Estes intérpretes *preteristas* ignoram as próprias reivindicações de João sobre o que ele registou e porquê. Não aceitam que João tenha recebido revelações visionárias sobre o futuro vindas de Deus, especialmente em relação com o tempo do juízo escatológico e com o estabelecimento do reino eterno de Cristo. Eles veem apenas o início da história cristã, mas não o seu meio e fim. Tão pouco veem a mensagem de Cristo dirigida ao Seu povo de todas as épocas. Outros leitores creem que João estava a escrever apenas sobre escatologia, descrevendo os eventos finais da História e o estabelecimento do reino de Deus na Terra. Não compreendem que João incluiu muita atividade histórica relacionada com o período anterior ao fim: seis selos e seis trombetas, du-

**OUTRA IMPORTANTE CHAVE
PARA A COMPREENSÃO DO
LIVRO DO APOCALIPSE É A
PERCEÇÃO DA ABRANGÊNCIA
COM QUE O SANTUÁRIO
FUNCIONA COMO PANO
DE FUNDO DA OBRA DE
CRISTO EM FAVOR DA NOSSA
SALVAÇÃO.**



**A PARTE MAIS
SIGNIFICATIVA DO
LIVRO PARA A NOSSA
EXPERIÊNCIA PESSOAL
SÃO AS CARTAS DE CRISTO
ÀS SETE IGREJAS.**

rante os quais os eventos continuam a ocorrer na Terra. Somente nos dias em que a sétima trombeta soar, o mistério de Deus será concluído (Apocalipse 10:7). Estes intérpretes *futuristas* veem o fim da história da salvação cristã, mas não o seu início e as lutas durante as longas eras que antecederam o fim. Tão pouco veem a mensagem de Cristo para o Seu povo de todas as épocas.

Somente uma abordagem equilibrada, que mantenha em mente o verdadeiro objeto da revelação, trará resultados satisfatórios. A revelação não foi dada apenas a João ou às sete igrejas da província romana da Ásia, mas aos servos de Deus (1:1) que viveriam antes do juízo final, a fim de prepará-los para os eventos vindouros. A menos que leiamos o livro com a intenção de discernir essa mensagem dada por Cristo, deixaremos de compreender o conteúdo mais importante do livro. A parte mais significativa do livro para a nossa experiência pessoal são as cartas de Cristo às sete igrejas. Nessa secção, Cristo fala pessoalmente a cada indivíduo de cada época. As sete igrejas

representam a realidade da Igreja nas diversas épocas, bem como as variadas experiências que cada Cristão pode ter em qualquer tempo. Este facto é comprovado pela declaração repetida várias vezes: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (2:7, 11, 17, 29; 3:6, 12, 22). Se seguirmos uma abordagem semelhante no estudo de cada visão do Apocalipse, procurando a mensagem pessoal de Cristo para o leitor, receberemos a bênção de 1:3 e 22:7. Este deve ser o objetivo do estudo do livro do Apocalipse.

A revelação não foi dada apenas a João ou às sete igrejas da província romana da Ásia, mas aos servos de Deus (1:1) que viveriam antes do juízo final, a fim de prepará-los para os eventos vindouros.

[PARTE II]

PRINCÍPIOS BÍBLICOS DA OBSERVÂNCIA DO SÁBADO

O que nos diz a Palavra de Deus sobre a forma de se guardar corretamente o Sábado? Como é que podemos santificar este dia e, assim, obter a bênção que acompanha essa santificação?



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

Segundo a Bíblia Sagrada, o Sábado é o santo dia do Senhor. Génesis revela que, ao terminar a criação da Terra, “abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou” (Génesis 2:3, *Almeida Edição Contemporânea*). O Sábado foi assim separado para uso santo. A Lei Moral de Deus dada no Sinai lembrou o carácter sagrado do Sábado. Ao proclamar o Quarto Mandamento, o próprio Deus declarou: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar” (Êxodo 20:8, *AEC*). A razão dada para esta ordem de nos “lembrarmos” do Sábado é que “abençoou o Senhor o dia de sábado, e o santificou” (Êxodo 20:11, *AEC*).

Sendo o Sábado uma instituição divina, devemos procurar na Bíblia os princípios que determinam a sua correta observância. O que nos diz a Palavra de Deus sobre a forma de se guardar corretamente o Sábado? Como é que podemos santificar este dia e, assim, obter a bênção que acompanha essa santificação?

Depois de termos visto, num primeiro artigo, quando começa e termina o Sábado e o que é lícito fazer nesse dia santo, neste segundo artigo veremos o que não é lícito fazer no Sábado e ficaremos a conhecer o ensino de Jesus sobre esse dia.

O QUE NÃO FAZER NO SÁBADO?

A primeira interdição a ter em conta durante o Sábado é a proibição de trabalharmos nesse dia. De facto, no Quarto Mandamento do Decálogo, Deus ordena-nos que nos abstenhamos de trabalhar no Sábado. “Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu

Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas” (Êxodo 20:9 e 10, *AEC*; cf. Deuterónimo 5:13 e 14, *AEC*). Fica claro pelo teor do mandamento que não só não devemos trabalhar no Sábado, como também não devemos permitir que trabalhem os nossos filhos ou aqueles que dependem profissionalmente de nós. Se somos empresários, não devemos permitir que os nossos empregados e colaboradores trabalhem no Sábado, ainda que eles não sejam crentes. Também não é apropriado que os nossos filhos estudem nesse dia, pois essa é a sua ocupação secular específica. Este mandamento do Decálogo foi lembrado pela boca do profeta Jeremias: “Nem façais obra alguma; antes, santificai o dia de sábado, como eu ordenei a vossos pais” (Jeremias 17:22, *AEC*). É claro que, como veremos quando analisarmos o ensino de Jesus sobre o Sábado, o mandamento não proíbe a realização de atos de misericórdia ou de atos necessários à preservação da vida e da saúde que sejam absolutamente inadiáveis.¹

Uma outra interdição que se aplica no dia de Sábado é a proibição de comprar e de vender produtos ou serviços. Todas as relações económicas não essenciais devem ser suspensas no Sábado. Neemias é claro sobre esta interdição. Quanto à proibição de comprar bens ou serviços no Sábado, ele escreveu: “Se os povos da terra trouxerem para vender, no dia de sábado, mercadorias ou qualquer espécie de víveres, nada compraremos deles em dia de sábado ou em dia santificado” (Neemias 10:31, *Bíblia de Jerusalém*). Quanto

à proibição de vender bens ou serviços no Sábado, Neemias também escreveu: “Portanto, admoestei contra a venda de mantimentos neste dia. [...] Repreendi os nobres de Judá, e lhes disse: Que mal é este que fazeis, profanando o dia de sábado?” (Neemias 13:15, 17, *AEC*.) Assim, fica claro que nos devemos abster de vender ou de comprar durante as horas de Sábado. A única exceção a esta regra verifica-se no caso em que seja necessário atender às necessidades inadiáveis de um doente ou de alguém necessitado de cuidados especiais. Nesse caso, como veremos quando estudarmos os ensinamentos de Jesus sobre a observância do Sábado, aplica-se a regra de que “é lícito fazer bem nos Sábados” (Mateus 12:10-12, *AEC*). De facto, são permitidas aquisições necessárias para a preservação da vida e da saúde que não possam ser realizadas noutro dia.²

Uma terceira interdição que vigora durante as horas do Sábado é a proibição de se transportar cargas. Portanto, não devemos fazer cargas e descargas de um domínio para outro, seja esse

domínio a nossa casa, o nosso negócio ou, mesmo, a nossa igreja. Assim, Neemias dá-nos a conhecer as medidas que tomou para impedir essa forma de profanação do Sábado. “Naqueles dias vi em Judá homens pisando lagares no sábado e trazendo trigo que colocavam sobre jumentos, como também vinho, uvas e figos, e toda a sorte de cargas que traziam a Jerusalém no dia de sábado. [...] Caindo as sombras da tarde sobre as portas de Jerusalém antes do sábado, ordenei que elas fossem fechadas, e mandei que não as abrissem até passar o sábado. Pus às portas alguns dos meus homens, para que nenhuma carga entrasse no dia de sábado” (Neemias 13:15, 19, *AEC*). Já no tempo do profeta Jeremias, Deus tinha alertado o Seu povo para não profanar o Sábado desta forma. De facto, o profeta escreveu: “Assim diz o Senhor: Guardai-vos, por vossas almas, e não carregueis cargas no dia de sábado, nem as introduzais pelas portas de Jerusalém. Não tireis cargas de vossas casas no dia de sábado, nem façais obra alguma; antes santificai o

**“É LÍCITO FAZER BEM NOS SÁBADOS”
(MATEUS 12:10-12, AEC).**



dia de sábado, como eu ordenei a vossos pais” (Jeremias 17:21 e 22, *AEC*). Portanto, devemos abster-nos deste tipo de obra no Sábado.³

A quarta interdição que é apresentada nas Sagradas Escrituras como devendo ser aplicada no dia de Sábado diz respeito à abstenção de preocupações com todas as coisas seculares da vida. Esta injunção surge amplamente detalhada no livro do profeta Isaías. De facto, o profeta escreveu: “Se desviares o teu pé de profanar o sábado, de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso, e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrasses não seguindo os teus caminhos, nem te ocupando nas tuas empresas, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacob. A boca do Senhor o disse” (Isaías 58:13 e 14, *AEC*). Note-se que este texto é rico em admoestações. Primeiro, não devemos fazer a nossa vontade no santo dia de Deus. Isto significa que

devemos abster-nos de nos ocuparmos e preocuparmos com as atividades seculares que preenchem a nossa vida durante a semana. Por isso também é dito que não devemos seguir os nossos caminhos nesse dia santo, nem nos devemos ocupar das nossas empresas, isto é, dos nossos empreendimentos de negócio e de trabalho, no Sábado. Segundo, também não devemos falar palavras vãs. Que palavras são estas? São aquelas que correspondem a conversas sobre temas seculares e profanos. Temas que não são adequados para o Sábado. Também não devemos fazer e discutir planos de trabalho ou de negócio no dia de Deus. O respeito por estas interdições apresentadas pela pena do profeta Isaías trará consigo uma bênção prometida por Deus. Se formos fiéis, não só nos deleitaremos no Senhor, como Ele nos fará “cavalgar sobre as alturas da terra”. Estaremos entre os primeiros em tudo aquilo que emprendermos durante a semana de trabalho.⁴

Uma quinta interdição a aplicar nas horas de Sábado diz respeito às

**A QUARTA INTERDIÇÃO
QUE É APRESENTADA NAS
SAGRADAS ESCRITURAS
COMO DEVENDO SER
APLICADA NO DIA DE
SÁBADO DIZ RESPEITO
À ABSTENÇÃO DE
PREOCUPAÇÕES COM
TODAS AS COISAS
SEculares DA VIDA.**



deslocações que podemos fazer nesse dia. Como vimos, o texto de Isaías que citámos antes começa por dizer: “Se desviáres o teu pé de profanar o sábado” (Isaías 58:13, *AEC*). O profeta está aqui a referir-se às viagens empreendidas no Sábado. Elas devem ser evitadas. Se tivermos de nos deslocar para ir à igreja ou para comungar com Deus na Natureza, poderemos viajar no Sábado. Mas viagens de lazer, turísticas ou de trabalho não devem ser realizadas no Sábado. Caso estejamos a viajar quando se aproximarem as horas sagradas do Sábado, devemos fazer uma pausa da nossa viagem e deter-nos para santificar o Sábado. Poderemos retomar a nossa viagem depois do pôr-do-Sol de Sábado. Na verdade, a Palavra de Deus admoesta-nos a permanecermos perto do nosso lugar de residência no dia de Sábado, saindo apenas para irmos à igreja ou para servirmos os desígnios de Deus. De facto, Deus ordenou aos filhos de Israel: “Cada um fique no seu lugar, que

ninguém saia do seu lugar no sétimo dia” (Êxodo 16:29, *AEC*). Esta ordem foi dada para impedir os Israelitas de profanarem o Sábado.

Finalmente, a sexta interdição apresentada pela Bíblia para preservar a santidade do Sábado diz respeito à preparação da refeição de Sábado. Esta deve ser cozinhada na sexta-feira, o Dia da Preparação. De facto, o livro de Êxodo diz-nos o seguinte: “Isto é o que o Senhor disse: Amanhã é repouso, o santo sábado do Senhor. O que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água. Tudo o que sobrar, ponde de lado, para amanhã” (Êxodo 16:23, *AEC*; cf. Êxodo 16:29, *AEC*). Portanto, as refeições de Sábado devem ser preparadas com antecedência. Não se deve cozinhar no Sábado. É por isso que Deus ordenou: “Não acendereis fogo em nenhuma das vossas moradas no dia de Sábado” (Êxodo 35:3, *AEC*). Dado que a principal função do fogo no lar era permitir a preparação dos alimentos para a família, esta ordem de Deus mostra que os alimentos destinados a serem consumidos no Sábado não deveriam ser preparados nesse dia. Eventualmente, podem ser aquecidos alimentos preparados anteriormente para consumo no Sábado.⁵

O ENSINO DE JESUS SOBRE O SÁBADO

Antes de discutirmos o ensino de Jesus sobre o Sábado, devemos ter presente que Jesus, como Filho de Deus, Se declarou “Senhor do sábado” (Mateus 12:8, *AEC*; Marcos 2:28, *AEC*; Lucas 6:5, *AEC*). Portanto, Jesus é a autoridade máxima sobre como o Sábado deve ser



vivido e santificado. O ensino e a ação de Jesus registrados nos Evangelhos revelam princípios fundamentais para a guarda do Sábado que devem orientar os Cristãos na sua observância desse dia. De facto, pelo Seu exemplo, pela Sua palavra e pela realização de milagres de cura, Jesus ensinou em que consiste essencialmente a verdadeira santificação do Sábado. Na verdade, as atividades e o ensino de Jesus durante o Sábado revelam um esforço de recuperação do significado original do Sábado e um regresso à verdadeira vivência espiritual desse dia.⁶

O primeiro texto dos Evangelhos que devemos ter em consideração como exprimindo o ensino de Jesus sobre o Sábado é a perícopes em que os discípulos de Cristo colheram espigas de cereal e comeram o grão enquanto passavam por uma seara no Sábado (Mateus 12:1-8, *AEC*; Marcos 2:23-28, *AEC*; Lucas 6:1-5, *AEC*). Os Fariseus repreenderam Jesus por ter permitido que os Seus discípulos assim procedessem, pois criam que eles tinham desrespeitado a santidade do Sábado ao “colherem” e “debulharem” o cereal. A resposta de Jesus em defesa dos Seus discípulos comunicou-nos duas importantes lições sobre a guarda do Sábado. Primeira, os discípulos (e o próprio Jesus) estavam ao serviço de Deus nesse Sábado quando satisfizeram sumariamente a fome ao colherem e consumirem o cereal. Assim, Jesus argumentou: “Ou não lestes na lei que, no Sábado, os sacerdotes no templo violam o dia, e ficam sem culpa? Eu vos digo que está aqui quem é maior do que o templo” (Mateus 12:5 e 6, *AEC*). Portanto, os discípulos encontravam-se na mesma situação que os sacerdotes

no templo. Eles estavam a exercer um ministério para Deus, conduzidos pelo próprio Messias (que era “maior do que o templo”). Assim, não tinham infringido o Sábado ao procurarem alimentar-se rapidamente, recorrendo ao cereal colhido a caminho do seu destino de missão. Podemos, assim, concluir que qualquer necessidade essencial e inadiável que surja quando estamos ao serviço da missão de Deus no Sábado, e cuja satisfação seja necessária para se cumprir essa missão, pode ser satisfeita nesse dia. A segunda lição que retiramos desta perícopes sobre as espigas arrancadas pelos discípulos é o princípio com que Jesus encerrou a Sua justificação do comportamento sabático dos Seus discípulos. Ele disse: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27, *AEC*). Portanto, o Sábado tem um sentido profundamente humanitário, isto é, ele deve estar ao serviço da promoção da vida humana. Quando estão em causa necessidades básicas inadiáveis que ameaçam a vida ou a saúde do homem, é lícito agir para colmatar essas necessidades no Sábado.⁷

O segundo texto dos Evangelhos que devemos considerar para compreender o ensino de Jesus sobre a santificação do Sábado encontra-se na perícopes sobre a cura do homem com a mão ressequida (Mateus 12:9-13, *AEC*; Marcos 3:1-6, *AEC*; Lucas 6:6-11, *AEC*). Perante a oposição dos Fariseus, que consideravam ilícito curar um doente crónico no Sábado, porque a sua vida não estava em risco, Jesus vai curar o homem precisamente movido por um sentimento humanitário de compaixão. Antes de realizar a cura, Jesus enuncia o princípio que lhe subjaz:



O SÁBADO TEM UM SENTIDO PROFUNDAMENTE HUMANITÁRIO, ISTO É, ELE DEVE ESTAR AO SERVIÇO DA PROMOÇÃO DA VIDA HUMANA.

“Logo, é lícito fazer bem no sábado” (Mateus 12:12, *AEC*). No relato paralelo de Marcos, Jesus pergunta, antes de realizar o milagre: “É lícito no sábado fazer o bem, ou fazer o mal? Salvar a vida, ou matar?” (Marcos 3:4, *AEC*; cf. Lucas 6:9, *AEC*.) A resposta de Jesus vem com a cura milagrosa do homem. Portanto, é lícito fazer o bem e salvar a vida no Sábado. Isto implica restaurar a saúde dos seres humanos afetados pela doença.⁸

O terceiro texto dos Evangelhos que devemos ter em consideração para percebermos o ensino de Jesus sobre a guarda do Sábado é a passagem sobre a cura de um homem hidrópico (Lucas 14:1-6, *AEC*). Perante o olhar dos Fariseus, Jesus vai curar um homem afetado pela hidropisia no dia de Sábado. Antes de proceder à cura, Jesus sublinha o significado da cura que pretende fazer perguntando aos doutores da lei e aos Fariseus presentes: “É lícito curar no sábado?” (Lucas 14:3, *AEC*.) Ao proceder à cura, Jesus responde afirmativamente a esta pergunta. Assim, Jesus ensina que curar os doentes e cuidar deles está de acordo com o espírito hu-

manitário do Sábado. Esta posição de Jesus é igualmente revelada no relato da cura da mulher curvada no Sábado (Lucas 13:10-17, *AEC*), no relato da cura do paralítico de Betesda no Sábado (João 5:5-9, *AEC*; cf. João 7:22 e 23, *AEC*) e no relato da cura do cego de nascença também no Sábado (João 9:1-7, *AEC*). Portanto, estamos autorizados por Jesus a prestar cuidados de saúde aos doentes no dia de Sábado. Assim sendo, os crentes com profissões da área da prestação de cuidados de saúde (como médicos, enfermeiros ou técnicos de saúde) podem legitimamente ser chamados a responder a situações de emergência hospitalar. Mas, para serem fiéis observadores do Sábado, devem limitar a sua ação médica no Sábado às tarefas essenciais e devem reduzir ao máximo as atividades de rotina não essenciais no Sábado.⁹



CONCLUSÃO

Com este artigo chegamos ao fim desta importante pesquisa. Determinamos bíblicamente o início e o fim do Sábado, o que é lícito fazer no Sábado, o que não é lícito fazer no Sábado e qual é o ensino específico de Jesus sobre esse dia sagrado. Seguindo estas instruções bíblicas poderemos estar seguros de que santificaremos o Sábado, observando-o como Deus pretende que ele seja observado.

Se assim fizermos, seremos também santificados ao santificarmos o Sábado, pois a observância deste dia é um sinal de que o Deus Criador é o nosso Deus e de que, segundo a Sua promessa, Ele nos santifica. Na verdade, não só seremos santificados, como

seremos também ricamente abençoados, pois o Senhor prometeu aos observadores do Sábado que os faria “cavalgar sobre as alturas da terra” (Isaías 58:14, *AEC*). Esta promessa não é vã, pois foi feita por Aquele que não pode mentir (Números 23:19, *AEC*; Tito 1:2, *AEC*).

Na verdade, não só seremos santificados, como seremos também ricamente abençoados, pois o Senhor prometeu aos observadores do Sábado que os faria “cavalgar sobre as alturas da terra” (Isaías 58:14, AEC).

¹ Alberto R. Timm, *O Sábado na Bíblia: Porque Deus faz questão de um dia*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010, p. 115 e 116.

² Myung Soo Cho, *Um Tempo Para Si – Porque*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2011, p. 102.

³ Kenneth A. Strand, “The Sabbath”, *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, ed. por Raoul Dederen, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, pp. 501 e 502.

⁴ AA. VV., *Os Adventistas do Sétimo Dia Creem... Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais*, Sacavém: Publicadora Atlântico, 1989, p. 254. Kenneth A. Strand, “The Sabbath”, p. 500.

⁵ Kenneth A. Strand, “The Sabbath”, pp. 495 e 497.

⁶ Kenneth A. Strand, “The Sabbath”, p. 502.

⁷ Kenneth A. Strand, “The Sabbath”, p. 503.

⁸ Kenneth A. Strand, “The Sabbath”, p. 503. Samuele Bacchiocchi, *The Sabbath in the New Testament: Answers to Questions*, Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1995, pp. 92 e 93.

⁹ Kenneth A. Strand, “The Sabbath”, p. 504. Alberto R. Timm, *O Sábado na Bíblia*, p. 118.

MORDOMIA: MULTIPLICAR RECURSOS COM SABEDORIA

Qual é o segredo de uma sábia gestão do que Deus nos dá, visto estarmos habituados, não a multiplicar, mas a subtrair, a dividir e, sobretudo, a somar, principalmente despesas?



Guida Cachão
IASD Queluz



Multiplicar recursos é o desejo de cada um de nós a cada dia que passa, pois somos todos chamados a gerir os recursos que Deus, na Sua sabedoria e misericórdia, nos dá. Mas, quantos sabem fazê-lo com sabedoria? Quantos não se veem aflitos para fazer com que o dinheiro chegue até ao próximo vencimento? Qual é o segredo de uma sábia gestão do que Deus nos dá, visto estarmos habituados, não a *multiplicar*, mas a *subtrair*, a *dividir* e, sobretudo, a *somar*, principalmente despesas?

Ao iniciar a leitura do livro *Administração Efcaz*, de Ellen G. White, rapidamente me apercebi de que o assunto principal era o dízimo.¹ Na medida em que esta foi, no passado, uma matéria de difícil entendimento para mim, quis perceber mais profundamente o que Deus me estava a querer ensinar. À medida que fui lendo, algumas declarações captaram a minha atenção e permitiram-me formar a reflexão que a seguir apresento.

O DÍZIMO

COMO FORMA DE HONRAR DEUS

Em Provérbios 3:9, o Senhor diz-nos: “Honra ao Senhor com os teus bens, e

com a primeira parte de todos os teus ganhos.” Então, a primeira coisa que percebi com estas palavras é que desenvolvermos ao Senhor a primeira parte do que Ele nos dá é uma forma de Lhe prestarmos honra e louvor. É também uma forma de Lhe mostrarmos que confiamos na Sua proteção e Lhe entregamos a nossa subsistência. E como podemos fortalecer a nossa confiança n’Ele? No versículo 10 de Provérbios 3, o Senhor faz-nos uma promessa: “E se encherão os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares.” O Senhor está claramente a dizer-nos que, se O honrarmos, Ele promete que haverá abundância nos nossos lares. Quem não deseja ter abundância, não só para si próprio, mas também para poder ajudar o seu próximo, sempre que for necessário?

Interoguei-me sobre a necessidade que o Senhor tem dos nossos recursos, sendo Ele o Senhor do Universo. Rapidamente obtive a resposta nas seguintes declarações: “Deus poderia ter atingido o Seu objetivo de salvar pecadores sem o auxílio do homem, mas sabia que o homem não poderia ser feliz sem desempenhar uma parte



na grande obra” (p. 13); “Aquele que dá aos pobres abençoa outros, e é abençoado em escala maior ainda” (p. 13); “E ao atendermos a esses chamados, pelo trabalho e por atos de caridade, tornamo-nos semelhantes à imagem d’Aquele que, por nossa causa, Se fez pobre. Dando, abençoamos outros, e assim acumulamos verdadeiras riquezas” (p. 14).

Ficou claro que, tal como no passado o propósito do Senhor para o povo de Israel era que ele fosse uma bênção para as nações ao redor, também para nós, hoje, Seu povo remanescente, Ele tem um propósito: sermos felizes e também uma bênção para o nosso próximo, sendo que, em retorno, seremos nós também abençoados.

Em Provérbios 11, os versículos 24 e 25 dizem: “Ao que distribui mais se lhe acrescenta, e ao que retém mais do que é justo, é para a sua perda. A alma generosa prosperará e aquele que atende também será atendido.” Ao ler estes versículos, comecei a perceber mais claramente a razão de, por vezes, os recursos não chegarem. Talvez se esteja a “reter mais do que é justo”, por medo de fazer falta.

O DÍZIMO COMO FORMA DE TIRAR O MUNDO DAS TREVAS ESPIRITUAIS

Infelizmente, cada um carrega consigo aquilo a que chamamos “natureza pecaminosa” e, segundo Ellen G. White, o princípio que rege o mundo é “adquirir, adquirir”. Nós julgamos que, ao agirmos deste modo, alcançamos a felicidade. Porém, como diz a serva do Senhor, “o fruto é miséria e morte”, e quão certas são estas palavras! En-

DEVOLVERMOS AO

SENHOR A PRIMEIRA

PARTE DO QUE ELE

NOS DÁ É UMA FORMA

DE LHE PRESTARMOS

HONRA E LOUVOR.

tão, para que o Seu povo não pereça, o Senhor chama-nos a viver de outra maneira, porque “muitos do povo de Deus estão em perigo de serem enredados pela mundanidade e cobiça”. Então, o Senhor pede-nos que nos dediquemos a “maiores empreendimentos”, para que acabemos com as “trevas morais que cobrem o mundo”. Esta é a missão que o Senhor tem para nós! O pouco que Ele pede que Lhe devolvamos tem este objetivo: acabar com as trevas morais em que se encontra o mundo, e que tremenda responsabilidade o Senhor nos dá!

Dando continuidade à minha reflexão, interroguei-me: Como podemos ajudar a dissipar as trevas morais que cobrem o mundo? Concluí que é devolvendo ao Senhor os dízimos e as ofertas; é a devolução de uma pequena parte do muito que Ele nos dá que vai fazer com que os nossos obreiros possam espalhar a luz. A serva do Senhor diz: “Enquanto alguns saem a pregar, Ele [Deus] roga a outros que atendam aos Seus pedidos de ofertas, para manter a Sua causa na Terra. Pôs Ele meios nas mãos dos homens, para que os Seus dons divinos possam fluir através de canais humanos, fazendo

nós a obra que nos foi designada, de salvar os nossos semelhantes. Esta é uma das maneiras em que Deus exalta o homem. É justamente a obra de que o homem precisa; pois lhe despertará no coração as mais profundas simpatias, e porá em função as mais elevadas faculdades da mente” (p. 15).

Sermos mordomos do Senhor, cuidadores do que Ele coloca nas nossas mãos, é um privilégio nosso e uma prova do Seu imenso amor por nós. Se refletirmos sobre a nossa própria vida, rapidamente concluiremos que o Senhor tem cuidado de nós. Somos privilegiados de muitas maneiras, como diz na página 17 de *Administração Eficaz*: “Somos-Lhe devedores por todo o momento de existência e por todos os confortos da vida. [...] Somos-Lhe devedores do alimento que comemos, da água que bebemos, da roupa que vestimos, do ar que respiramos. Sem a Sua especial providência, o ar estaria cheio de pestilência e de veneno. Ele é generoso benfeitor e preservador.”

Perguntei-me, então, porque não considerar como um alto privilégio sermos uma bênção para o nosso próximo, contribuindo com os nossos dízimos e com as nossas ofertas?

Sermos mordomos do Senhor, cuidadores do que Ele coloca nas nossas mãos, é um privilégio nosso e uma prova do Seu imenso amor por nós.

O Senhor diz-nos: “Assim como continuamente estamos a receber as bênçãos de Deus, assim devemos nós estar continuamente a dar.” Então, se estamos continuamente a ser abençoados pelo amor e pelo cuidado de Deus, porque não proporcionar a outros esse mesmo amor e cuidado? Ao fazê-lo, honramos o Senhor, por um lado, e ganhamos almas para Ele, por outro.

Como referi anteriormente, “o Senhor não precisa das nossas ofertas. Não podemos enriquecê-lo com as nossas dádivas. [...] No entanto, é essa a única maneira em que nos é possível manifestar a nossa gratidão e amor a Deus. E não proveu outro” (p. 18 e 19).

Fiquei, então, com vontade de pedir ao Senhor que Ele coloque em mim o espírito de gratidão e generosidade, para que eu seja liberal nos meus dízimos e ofertas, consciente de que “o espírito de liberalidade é o espírito do Céu. O espírito egoísta é o espírito de Satanás” (p. 19).

O DÍZIMO COMO MANTIMENTO DA CASA DE DEUS

Malaquias 3:10-12 diz: “Trapei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa. [...] E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos.” O Senhor ordena que tragamos todos os dízimos à Sua casa com um propósito muito específico: para que haja mantimento na Sua casa. Em I Coríntios 9:13 e 14, o apóstolo Paulo escreve:

“Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de conti-

**SE ESTAMOS
CONTINUAMENTE A SER
ABENÇOADOS PELO
AMOR E PELO CUIDADO
DE DEUS, PORQUE
NÃO PROPORCIONAR A
OUTROS ESSE MESMO
AMOR E CUIDADO?**



nuo estão junto ao altar participam do altar? Assim ordenou, também, o Senhor, que os que anunciam o evangelho vivam do evangelho.” Porém, o Senhor não é egoísta. O Senhor prossegue: “E depois fazei prova de mim”, ou seja, na Sua sabedoria e misericórdia, o Senhor pede-nos ou, melhor, desafia-nos a pô-l’O à prova, dizendo que abrirá as janelas do Céu e que derramará sobre cada um que aceitar o Seu desafio “uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância. E, por causa de vós, reprenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo vos não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 3:10 e 11). E esta bênção, que não tem medida, é a que recebe todo aquele que aceita o desafio do Senhor.

Ao ler esta passagem, lembrei-me de um exemplo prático que se encontra relatado em I Reis 17:8-16. Neste episódio, verificamos que a terra de Israel estava a passar por um grande período de seca e vemos o Senhor a cuidar da subsistência dos Seus filhos.

Vemos Deus ordenar a Elias que se dirija a Sarepta, porque está lá uma viúva a quem o Senhor já instruiu para que cuide dele. De facto, Elias encontra esta viúva a apanhar lenha à porta da cidade. Pede-lhe que lhe traga água para beber, pedido a que ela acede, e depois Elias vai um pouco mais longe: pede-lhe que lhe traga também um bocado de pão para comer. Aqui, a viúva tem de abrir o seu coração, dizendo: “Vive o Senhor teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos, e vou prepará-lo para mim e para o meu filho, para que o comamos, e morramos.” Os recursos desta pobre mulher já tinham chegado ao fim, e ela só estava a apanhar aqueles cavacos para poder fazer lume, cozer um bolo para si e para o seu filho com a última farinha e o último azeite que tinha em casa. Então, Elias diz-lhe algo que é fundamental na vida cristã, para se criar uma relação de confiança com o Senhor. Elias



COMO É A NOSSA IGREJA VISTA PELA SUA COMUNIDADE? SERÁ QUE ESTA NOS CONSIDERA “BEM-AVENTURADOS”?

diz-lhe: “Não temas.” Vai e faz primeiro para mim, que sou um profeta do Senhor, que te falo em nome do Senhor. Depois, fazes para ti e para o teu filho. Por outras palavras, primeiro, põe Deus em primeiro lugar; depois, confia que terás em abundância para ti e para os teus. E por que razão ela não deverá temer? Elias apresenta-lhe a razão de ser deste pedido, no versículo 14: “Porque assim diz o Senhor Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará até ao dia em que o Senhor dê chuva sobre a terra.” O versículo 15 diz que aquela mulher obedeceu, confiou, fez prova do Senhor “e assim comeu ela, e ele, e a sua casa, muitos dias”. O resultado dessa confiança encontra-se registado no versículo 16: “Da panela, a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme à palavra do Senhor, que falara pelo ministério de Elias.” O Senhor, na Sua misericórdia, promete-nos mais. Ele promete que a prosperidade dos Seus filhos será visível para outros. Malaquias 3:12 diz: “Todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós se-

reis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos.” Amém!

Este versículo suscitou em mim uma questão: como é que a nossa comunidade nos vê individualmente? Como é a nossa Igreja vista pela sua comunidade? Será que esta nos considera “bem-aventurados”? Seremos nós, de facto, uma “terra deleitosa” aos seus olhos? Se o somos, então, deduz-se que outros quererão entrar para fazer parte desta Igreja! Porém, coloca-se uma outra questão: Por que não entram? Por que razão constatamos que as nossas igrejas estão a perder os seus membros, tornando-se, por vezes, necessário fechar algumas delas? Algo de errado se passa! Então, a serva do Senhor diz-nos o seguinte: “Se Deus nos tem abençoado com prosperidade, não é para que o nosso tempo e atenção sejam desviados d’Ele e dedicados àquilo que Ele nos emprestou” (p. 20); ela exorta-nos a que “demos enquanto podemos. Demos enquanto temos força. Trabalhemos enquanto é dia. Dedicemos o nosso tempo e os nossos meios ao serviço de Deus, para que possamos ter a Sua aprovação e

receber a Sua recompensa” (p. 21). Podemos incorrer no erro de pensar que este conselho tem apenas implicações ao nível individual, mas ela continua dizendo que é o “crescente devotamento a ganhar dinheiro, o egoísmo que o desejo de ganhar produz, que mata a espiritualidade da igreja e dela remove o favor de Deus” (p. 22). Tudo o que recebemos da parte do Senhor deve ser partilhado com outros. Lemos também que “ao dar o crente do que recebe, aumenta a sua capacidade de receber. É aberto o caminho para a obtenção de novos suprimentos de graça e de verdade. Desse dar e receber depende a vida e o crescimento da igreja. Se quisermos receber novas bênçãos, devemos comunicar os bens do Céu” (p. 36).

Será, então, esta a razão pela qual a Igreja não cresce? Cada um de nós, diz Ellen G. White, “deve ter todo o coração em sua ligação com a Igreja. A prosperidade desta deve constituir-lhe o primeiro interesse”, e faz a seguinte pergunta: “Podemos nós surpreender-nos de que o Senhor retenha a Sua bênção, quando os Seus dons são egoisticamente pervertidos e mal aplicados?”

Podemos dizer que, para quem tem muitos recursos, é fácil entregar uma parte do seu rendimento, mas para quem tem pouco, é muito mais difícil. Para quem está nesta posição, o Senhor tem uma resposta: “Ninguém brinque com as suas responsabilidades. Se não estais negociando com dólares, mas apenas com centavos, lembrai-vos de que a bênção de Deus repousa sobre a incansável diligência” (p. 48). “Deus pede o que vós Lhe deveis em

dízimos e ofertas. [...] Dai prazerosa, alegre e voluntariamente, gratos por poderdes fazer alguma coisa para levar avante o reino de Deus, no mundo. Esvaziai o coração do egoísmo e cingi a mente para a atividade cristã” (p. 49). “Quereis tornar segura a vossa propriedade? Ponde-a na mão que traz a marca da crucificação. Retende tudo o que possuis e isso será para a vossa perda eterna. Dai-o a Deus e, desse momento em diante, trará a Sua inscrição. [...] Quereis desfrutar dos vossos bens? Então, usai-os para fazer a felicidade dos que sofrem. Quereis aumentar as vossas posses?” Então, a resposta é “honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda, e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lagares” (Provérbios 3:9 e 10). Não foi isto que aconteceu com a viúva de Sarepta?

A serva do Senhor diz que, tal como o Sábado é sagrado e “não tem o homem o direito nem o poder para substituir o sétimo dia pelo primeiro [...], de igual maneira o dízimo das nossas rendas ‘santo é ao Senhor’. [...] Deve todo o homem trazer livre, voluntária e alegremente os dízimos e ofertas à casa do tesouro do Senhor, pois em fazê-lo, há uma bênção” (p. 66). “Nenhuma segurança há em reter de

Tudo o que recebemos da parte do Senhor deve ser partilhado com outros.

**“TORNAI PARA MIM,
DIZ O SENHOR DOS
EXÉRCITOS, E EU
TORNAREI PARA VÓS”
(ZACARIAS 1:3).
É ESTA A SUA PROMESSA!**



Deus a parte que Lhe pertence. [...] O dízimo de todas as nossas rendas é do Senhor. Reservou-o para Si, para ser empregado em fins religiosos. Santo é. A negligência ou adiamento desse dever provocará o desagrado divino” (p. 67).

A autora conclui, dizendo: “Irmãos e irmãs, se o Senhor vos tem abençoado com bens, não os considereis vossos. Julgai-os vossos para que os useis para Deus, e sede fiéis e honestos ao dar os dízimos e ofertas! Não prometais uma porção ao Senhor e então dela vos apropriéis para o vosso próprio uso. [...] É a negligência desses deveres claramente revelados que traz trevas sobre a Igreja” (p. 78).

A leitura do livro *Administração Eficaz* fez-me refletir bastante sobre este assunto. Interroguei-me se, de alguma forma, ao longo dos anos, tenho defraudado o Senhor nos dízimos e nas ofertas. Caso o tenha feito, ainda assim o Senhor dá-me uma nova oportunidade, dizendo: “Façam todos os que

retiveram o dízimo, perfeito ajuste de contas, trazendo ao Senhor aquilo de que haviam privado a obra. Fazei restituição, e levai ao Senhor ofertas pacíficas. [...] Se reconhecerdes que fizestes mal em vos apropriardes indevidamente dos Seus bens, arrependendo-vos franca e completamente, Ele vos perdoará a transgressão” (p. 87).

“Fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 3:10). Obedecerei eu a Deus? Aceitarei o Seu desafio, sendo fiel na devolução dos dízimos e liberal nas ofertas que trago à casa do Senhor, para que nela haja mantimento? “Tornai para mim, diz o Senhor dos Exércitos, e eu tornarei para vós” (Zacarias 1:3). É esta a Sua promessa! Amém!

¹

As citações deste artigo são retiradas da obra de Ellen G. White, *Administração Eficaz: Como Multiplicar Recursos com Sabedoria*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002. No texto do artigo serão apenas indicadas as páginas citadas da referida obra.



—
Conrad Vine
*Presidente de Adventist
Frontier Missions*

*Retirado da Adventist
Review de agosto de 2017.*

*Quando vejo o mundo através dos olhos
de Deus, vejo homens e mulheres que estão
sinceramente em busca do Salvador.*

VER ATRAVÉS DOS OLHOS DE DEUS



À medida que o brilho da alvorada despontava entre as dunas de areia do Saara, Abdullah ajoelhou-se no seu tapete de oração colocado no exterior do seu humilde lar: uma laje de cimento rodeada com malha de arame, abrigada por uma tenda de lona azul e apetrechada com alguns tapetes puídos. Ele estava a rezar a sua *Farj*, a primeira das cinco orações muçulmanas diárias.

Subitamente, a sua mente foi inundada com uma visão de Jesus Cristo no Céu. Jesus disse-lhe: “Quero viver num lar em África.” A visão terminou tão subitamente como tinha começado e Abdullah foi deixado a ponderar o seu significado. Talvez Jesus quisesse viver no seu lar.

Abdullah partiu numa busca pela verdade que consumiria toda a sua vida durante os sete anos seguintes. Aproximou-se de muitos Ocidentais, implorando por uma Bíblia, mas ninguém lhe dava uma, por temerem a *Al-Qaeda*, que está muito ativa naquele país. Até foi ao aeroporto, tendo em vista implorar junto dos Ocidentais que partiam do país para que lhe dessem uma Bíblia. Finalmente, alguém lhe deu um Novo Testamento. Ele correu para o lar com o seu troféu e começou a lê-lo com a sua mulher. À medida que liam, apaixonaram-se por Jesus e o Espírito Santo convenceu o seu coração da necessidade de se tornarem discípulos de Cristo.

Mas como? Neste país não há *sites* cristãos, transmissões radiofónicas cristãs, livrarias cristãs ou igrejas. Sob a lei da *Sharia* é ilegal a conversão ao Cristianismo. Se o governo não te colocar na prisão, a *Al-Qaeda* mata-te. Assim, Abdullah começou a orar para que Deus enviasse alguém para o orientar.

“PODE AJUDAR-ME?”

Foi então que Deus me trouxe para a história de Abdullah. Numa manhã cedo, encontrei-me sentado num tapete na tenda de Abdullah, numa extremidade do deserto do Saara. Ele tinha muitos gémeos na sua família e eu sou gémeo, pelo que trocámos ideias sobre os mais famosos gémeos da história – Esaú e Jacob – e sobre a promessa de Deus feita a Abraão. Abdullah partilhou comigo como o Espírito Santo tinha convencido o seu coração todas as vezes que ele lia a Bíblia, a qual era por ele mantida num lugar secreto.

“Quando eu oro as minhas orações muçulmanas”, disse ele, “são como ossos secos nos meus braços. Mas quando eu oro a Jesus Cristo, é como ter medula viva nos meus ossos!” Ele apontou para os seus braços magros com alegria no rosto. “Como posso aprender mais sobre Jesus? Pode ajudar-me?”

Como poderia eu ajudá-lo? Pensei nas estantes do meu lar, carregadas com um rico banquete de literatura espiritual.



E aqui estava Abdullah, implorando por apenas algumas migalhas. Nós orámos. Depois, tive uma ideia: Eu enviar-lhe-ia um leitor *Kindle* carregado com livros digitais escritos em árabe. Ele poderia assim ter nele uma biblioteca inteira e ninguém saberia. Abdullah ficou radiante.

Passámos o dia numa comunhão feliz. Quando o Sol começou a mergulhar no Oceano Atlântico, uma briza fresca despontava e ratos do deserto escapuliam ao redor das extremidades da tenda. Abdullah afastou-os gentilmente enquanto a nossa conversa prosseguiu até à pergunta suprema abrigada no seu coração. “Por favor, pode batizar-me?” perguntou ele. “Quero aceitar pela fé os dons de Deus da graça e da vida eterna.”

Pensei por longos momentos, com o meu coração despedaçado. “Abdullah”, disse eu finalmente, “se eu batizar apenas a ti, serás morto. Entretanto, quando todo o teu clã estiver pronto para tomar uma decisão por Jesus, eu regressarei e batizar-te-ei.”

O rosto de Abdullah iluminou-se. “Sim!” disse ele. “Começarei a partilhar a minha fé com a minha família alargada nesta mesma noite!”

“PODEMOS SER VIZINHOS?”

De braço dado, Abdullah e eu caminhamos de volta para o meu táxi, ele vestido com a sua túnica branca e eu vestido com as minhas calças de ganga e a minha t-shirt. “Irmão Conrad”, disse ele, “acredita que Jesus está agora mesmo no Céu, a preparar um lar para aqueles que creem n’Ele?”

“Sim”, respondi. “Ele disse isso em João 14:1-4, o que é uma promessa muito bela.”

Abdullah continuou: “Quando Jesus regressar e nos levar a todos para o Céu, dando-nos um novo lar, poderemos ser vizinhos?”

O meu coração parou por um momento. Nunca alguém me tinha pedido isto. Eu senti-me humilde perante a profunda fé deste homem. “Abdullah”, disse eu, “será uma honra e uma alegria para mim ser teu vizinho no Céu.”

Orámos juntos antes de nos separarmos e Abdullah beijou-me a face. Ao arrancar no táxi, vi-o voltar-se e caminhar de regresso ao Saara, até que desapareceu entre as dunas.

Deus ensinou-me uma poderosa lição naquele dia. Quando vejo o mundo através dos olhos de um Ocidental, vejo o Islão como uma emergente ameaça existencial para a civilização. Mas quando vejo o mundo através dos olhos de Deus, vejo homens e mulheres que estão sinceramente em busca do Salvador.

Deus desafiou-me naquele dia para orar pela salvação dos meus vizinhos muçulmanos, e para os amar como Ele os ama. Embora Abdullah e eu vivamos em países diferentes, ambos vivemos no reino da graça de Deus. Eu aguardo com expectativa ser vizinho dele no Céu.

**DEUS DESAFIOU-ME
NAQUELE DIA PARA
ORAR PELA SALVAÇÃO
DOS MEUS VIZINHOS
MUÇULMANOS,
E PARA OS AMAR
COMO ELE OS AMA.**



“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” – EGW, *Evangelismo*, p. 257.

HISTÓRIA PROFÉTICA

“As solenes mensagens que foram dadas no Apocalipse, por ordem divina, devem ocupar o primeiro lugar no espírito do povo de Deus. Não devemos deixar que outra coisa nos domine a atenção. O precioso tempo está a passar rapidamente.” (T8, p. 302.)

“Há necessidade de mais estudo íntimo da Palavra de Deus; especialmente devem Daniel e Apocalipse merecer atenção como nunca antes na história da nossa obra. [...] Quando, como um povo, compreendermos o que este livro significa para nós, ver-se-á um grande reavivamento. Não compreendemos plenamente as lições que ele ensina, mas a ordem que nos é dada é de examiná-lo e estudá-lo. [...] As verdades deste livro dirigem-se aos que vivem nestes últimos dias. [...]

O Senhor abençoa todo aquele que, com humildade e mansidão, procura compreender o que está revelado no Apocalipse. [...] Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a cumprir-se em rápida sucessão. [...] A tensão está a apoderar-se da família humana. Está a permear tudo na Terra. [...] Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, as profecias relativas aos últimos dias devem exigir, de modo especial, o nosso estudo. [...] Satanás tem cegado o espírito de muitos para que se sintam satisfeitos com qualquer desculpa por não estu-

darem o Apocalipse. Mas Cristo [...] diz: *‘Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas’* (Apoc. 1:3).

Os livros de Daniel e de Apocalipse deviam ser encadernados juntos e publicados. [...] O objetivo é unir esses livros, mostrando que ambos se relacionam com os mesmos temas. Deve ser apresentada uma mensagem que desperte as igrejas. Deve exercer-se o máximo esforço para esclarecer o nosso povo e o mundo. Fui instruída de que as profecias de Daniel e de Apocalipse devem ser impressas em livros pequenos, com as necessárias explicações, e estes devem ser espalhados pelo mundo. [...]

Os perigos dos últimos dias estão sobre nós, e pelo nosso trabalho devemos advertir o povo do perigo em que está. Não deixem de focar as cenas solenes que a profecia tem revelado. Se o nosso povo estivesse meio desperto, se reconhecesse a proximidade dos acontecimentos descritos no Apocalipse, operar-se-ia uma reforma nas nossas igrejas, e muitos mais creriam na mensagem. Não temos tempo a perder. [...] Deixemos que Daniel fale, que fale o Apocalipse e digam a verdade. Mas seja qual for o assunto a apresentar, elevem Jesus como o centro de toda a esperança, *‘a Raiz e a Geração de David, a resplandecente Estrela da Manhã’*.” (TM, pp. 112-118.)



O LIVRO DE APOCALIPSE



» VERSÍCULO 3D «

“Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro” [Apocalipse 22:7].



Paula Amorim

Diretora-Associada da Área da Família da UPASD para os Ministérios da Criança

» ATIVIDADE 3D «

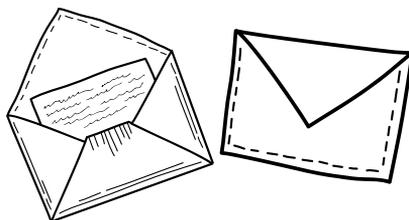
Encontra no mapa a ilha de Patmos onde João escreveu o livro de Apocalipse e as cidades ou igrejas que receberam as 7 cartas.

» HISTÓRIA 3D «

Tudo sobre o livro de Apocalipse...



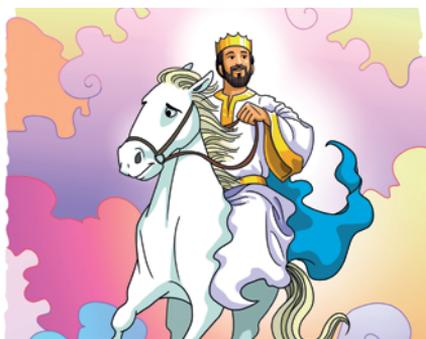
1. João escreve: Jesus virá buscar os Seus amigos. **Apocalipse 1.**



2. João escreve: as cartas às igrejas dos amigos de Jesus. **Apocalipse 2-3.**



5. As 7 taças são o poder de Jesus para vencermos. **Apocalipse 16-18.**



6. Jesus regressa à terra num cavalo branco como Vencedor. **Apocalipse 19-20.**

» DESCUBRE MAIS «

O livro de Apocalipse é um livro profético que revela o futuro e nos informa sobre a volta de Jesus. Jesus volta para nos levar para sempre com Ele para uma Terra nova. João, o discípulo de Jesus, recebeu esta visão no ano 95 d.C. e escreveu o livro de Apocalipse enquanto estava prisioneiro na ilha de Patmos. No mapa da atividade 3D podes encontrar a ilha de Patmos e as 7 igrejas. Lê Apocalipse 1:9-3:22 e descobre o nome de cada igreja e o que Jesus lhes disse para estarem prontas para o Seu regresso.

» DESENVOLVE SEMPRE «

Cristo é o personagem central do livro de Apocalipse. Este livro traz as revelações de Jesus. Na verdade, é a revelação ou a profecia do que Jesus fará na Sua volta, no tempo do fim. Vemos Jesus vencedor, revelado nas várias imagens já apresentadas na Bíblia: uma delas é “o Cordeiro que foi morto” no nosso lugar. Ele ressuscitou e foi preparar-nos um lar. Ele vai regressar para levar-nos de volta a casa. Jesus está sempre connosco, desde o início (Génesis) até à Sua volta para levar-nos para o Céu



3. Só Jesus abre o livro dos 7 selos, mas protege os Seus amigos. **Apocalipse 4-8.**



4. Os 7 anjos tocam as 7 trombetas e dizem que Jesus venceu. **Apocalipse 8-15.**



7. Todos os amigos regressam com Jesus à Nova Jerusalém. **Apocalipse 21-22.**



(Apocalipse). Em toda a Bíblia, a Carta do amor de Deus por nós, Ele prometeu voltar em breve, e disse a João para fechar o Apocalipse com esta promessa maravilhosa, dizendo-nos que estamos quase lá! (Apocalipse 22:20.)

» DÁ-TE À MISSÃO «

O livro de Apocalipse já não é um mistério para ti. Podes revelá-lo aos teus amigos e prepará-los para a volta de Jesus. **Reúne os teus amigos num pequeno grupo e vejam juntos os vídeos para crianças do #ApocalypseKids #Feliz7Kids. Tens 20 vídeos com**

20 estudos para partilhares com os teus amigos. Orem e estudem juntos o livro de Apocalipse! Preparem-se para a volta de Jesus!





Estava a ser um dia repleto de reuniões através das plataformas digitais, acrescido de outros trabalhos também no computador. Para atenuar um pouquinho o cansaço mental, reclinei a minha cabeça para trás e fechei os olhos. Este “passar pelas brasas”, esta breve pausa de silêncio, seguramente me fariam bem.

Não muito depois, sou surpreendida pelo meu filho mais novo, que entusiasticamente me aborda, dando-me um beijinho no rosto. Repentinamente, apanhada de surpresa, despertada e “rabugenta”, olho para o meu filho e digo-lhe: “Filho, porque fizeste isso? Não vês que a mamã estava a descansar só um pouquinho?” Com

os seus olhinhos pretos arregalados, numa expressão confusa e com voz serena, diz-me: “Só queria dar-te um beijinho mamã... Pois gosto muito de ti... És muito fofinha!” Sentindo-me “repreendida” pela sua reação e pelas suas palavras, recomposta e, agora, já acordada, abraço o meu filhinho, aperto-o contra o meu peito, beijo-o e agradeço-lhe muito pelo seu amor.

Quando abraço os meus filhos, quando deles recebo manifestações de puro afeto, quando o meu marido me faz sentir amada e me considero abençoada pelo amor de toda a restante família, muitas vezes penso naqueles que, por diferentes circunstâncias da vida,



O AMOR NÃO INCOMODA

não usufruem desta bênção. Homens, mulheres, jovens e crianças que passam pela vida sós, carentes de expressões de afeto e estima. Homens e mulheres que não têm que estar obrigatoriamente isolados de pessoas, mas cujos relacionamentos não são preenchidos com manifestações de amor através de palavras e atos. Jovens e crianças que, seguramente, não vivem sós, mas que crescem “ressequidos” pela falta de expressões de afeto e que, por isso, mais tarde, têm maior dificuldade em receber e em expressar amor. Idosos, tantos idosos, que vivem à míngua de consideração, cuidado, ternura e amor.

A Bíblia está repleta de versículos que confirmam que, na essência do Criador e na gênese da criatura, está inerente o dom do amor. O amor de Deus pelo Homem (que traz como consequência o amor do Homem por Deus), o amor de Deus pela Sua Igreja, o amor fraterno, o amor conjugal, o amor parental, o amor ao próximo, o amor aos inimigos... É graças a este amor que existimos e prosseguimos. A Criação, a Redenção, e a Glorificação são etapas de um plano divino de incompreensível amor pela Humanidade: “*O amor de Cristo que excede todo o entendimento.*”¹ E no convite que o Senhor nos faz para sermos Seus instrumentos de bênção, o amor continua a ser a base: “*Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.*”²

Por mais importantes que sejam o conhecimento e a prática de todas as doutrinas bíblicas, percebemos que o mais poderoso instrumento de bênção para nós e para aqueles que estão à nossa volta é a prática e a manifesta-

ção deste amor que vem de Deus: “*O amor mútuo liga entre si os corações, e a unidade que existe entre os membros da família prega o sermão mais eficaz que se pode pregar sobre a piedade prática.*”³

Num mundo carente da verdadeira piedade, quando tantos mendigam por migalhas de afeto, dêmos graças a Deus pela nossa família. Quando tantos vivem sós, esquecidos pelos seus e ignorados pelos demais, agradeçamos a Deus por cada um que habita na nossa casa. E sendo possível que neste mundo caído uma mãe se esqueça dos seus filhos, agradeçamos pelo amor do Filho de Deus que nos tem gravado nas palmas das Suas mãos.⁴

No nosso lar, na vizinhança, no local de trabalho, na igreja ou na sociedade, permitamos que Deus nos use como Seus instrumentos de amor. Tenhamos a santa ousadia de partilharmos este amor divino, pois não sendo ele permissivo quanto às práticas e às ideologias incorretas, tornar-se-á o antídoto, o lenitivo, na vida de muitos.

Este amor que Deus nos dá e nos convida a partilhar é o maior bem concedido à Humanidade. Na nossa casa e fora dela, despertemos os que dormem para os últimos acontecimentos da história da Terra. Amemos, amemos muito, porque o verdadeiro amor jamais incomoda!

¹
Efésios 3:19.

²
João 13:35.

³
Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 223.

⁴
Isaías 49:15 e 16.



Memórias da Nossa História



Pr. António Amorim
Presidente da UPASD



AS CRÓNICAS EVANGELÍSTICAS DE C. E. RENTFRO NA *REVIEW AND HERALD*

[PARTE II]

Primeiros colaboradores no Ministério e primeiras igrejas organizadas (maio 1906-1909)

Clarence E. Rentfro foi o primeiro Adventista, Missionário e Pastor em Portugal. Chegou a 26 de setembro de 1904, tendo permanecido até março de 1917. Este é o segundo artigo em que iremos analisar as publicações do Pastor Rentfro na *Review and Herald* numa segunda fase do seu Ministério em Portugal. A chegada de um Pastor vindo do Brasil, que foi seu colaborador pastoral durante quase três anos, permitiu um trabalho missionário partilhado e descentralizado. Além de quebrar o isolamento no Ministério, o trabalho em equipa possibilitou uma dis-

tribuição de tarefas e um maior alcance de ação missionária.

RH, 13 DE SETEMBRO DE 1906, P. 18. Clarence E. Rentfro relata a polémica com um editor que publicou um artigo onde afirmava que os Adventistas negavam a divindade de Cristo. O Pastor Rentfro desmentiu, explicando que o editor apoiou-se na opinião de um dissidente. O editor mostrou-se recetivo para publicar um texto sobre a Doutrina da Igreja Adventista. Rentfro viu aqui uma oportunidade para propagar o interesse pela verdade bíblica. Quanto ao seu trabalho

Primeira fotografia do grupo de Adventistas em Portugal, publicada na *Review and Herald*, de 5 de novembro de 1908. A Equipa Pastoral entre 1906 e 1908 era constituída pelos pastores Clarence E. Rentfro (direita) e Ernesto Schwantes (esquerda), no centro da fotografia. Sentados à frente do Pr. Rentfro estão a sua esposa Mary e os seus dois filhos.



evangelístico, revela estar focado em três áreas de ação: a escola de canto, a pregação da Palavra e os estudos bíblicos. O grupo da Escola Sabatina é constituído por nove alunos: As Famílias Rentfro (2) e Schwantes (4) e uma senhora muito interessada, que frequenta com duas sobrinhas (3). Alegra-se de ter, finalmente, a ajuda de que precisava na pessoa do Pastor Ernesto Schwantes, chegado do Brasil a 6 de maio desse ano.¹

RH, 11 DE OUTUBRO DE 1906, PP. 13 E 14. Neste número, aparecem duas crônicas de C. E. Rentfro. A primeira é uma verdadeira análise estatística de antropologia missionária, publicada na rubrica “Visão Ampla do Mundo”. C. E. Rentfro mostra-se impressionado com a iliteracia em Portugal (quatro em cada cinco). Considera ser esta uma consequência da Inquisição, o que constitui um obstáculo, tanto para o combate às doenças, como para o ensino da verdade. Cita um texto de *Testemunhos para a Igreja*, vol. VII (p. 160), onde Ellen G. White escreveu que “os nossos livros devem ser traduzidos e publicados em muitas línguas diferentes”, mencionando também a língua portuguesa. Refere que quis publicar um folheto de 16 páginas, sobre saúde, e lamenta-se de lhe terem dito para “ir devagar”, visto não haver disponibilidade de fundos. Reage com estas palavras: “Como podemos ir devagar, quando Jesus voltará em breve e cinco milhões de pessoas neste lugar ainda não foram avisados?” Rentfro lamenta

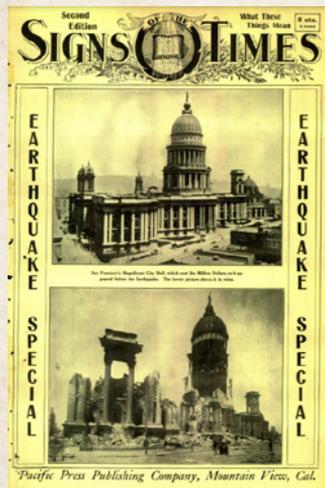
a condição das mulheres portuguesas, consideradas socialmente secundárias, “escravas da Humanidade”, destinadas ao trabalho mais sujo e difícil; as meninas discriminadas em relação aos meninos. Vê no grande número de partidas para emigração (cerca de 21 000 anuais) uma oportunidade de evangelismo, tendo Portugal como plataforma. Analisa os costumes dos Portugueses quanto ao consumo do vinho, e suas consequências sanitárias e sociais, e descreve os principais hábitos alimentares. Sugere o trabalho médico-missionário, e convida quem se sinta chamado a colaborar na evangelização de Portugal. Informa que, durante alguns meses, estudou português, cinco horas por semana, intensificando para o dobro do tempo no último mês. Durante esse tempo, traduziu, com a ajuda da sua professora, vinte estudos do *Precetor da Biblia no Lar*, faltando-lhe ainda mais oito. Informa que fizeram amizade com alguns Portugueses, a quem tem fornecido Literatura, entre os quais uma jovem de 15 anos, muito interessada. Termina com um apelo para doações para impressões.

O segundo artigo de Rentfro neste número da *RH* é um testemunho missionário publicado na rubrica “O Campo de Trabalho” (p. 18). Informa ter recebido, e vendido, a amigos ingleses e portugueses, a segunda Edição de um número especial de *Signs of The Times* de 23 de maio de 1906, sobre o terramoto de São Francisco, sendo o valor das vendas revertido para o fundo para Impressões.²

Testemunha que também enviou uma destas Revistas para um jornal diário de grande circulação, que publicou várias fotografias retiradas dessa Revista, e apresentou um comentário sobre o texto da pregação do foco editorial. Rentfro transcreve a crítica do jornalista: “O interessante semanário

americano *Signs of the Times*, impresso em Mountain View, Cal., publicou uma segunda edição do seu número de 23 de maio, inteiramente consagrada ao terrível terremoto de San Francisco... Neste número especial, num artigo intitulado 'Não há refúgio seguro', diz que, nesta Terra de perdição, neste mundo amaldiçoado, não há para onde fugir, e acrescenta: 'Não podemos fugir para Oakland, nem para Chicago, nem New York, nem Londres. A primeira grande convulsão da Terra pode devorar uma ou todas essas cidades; e as torres mais sólidas, as mais orgulhosas construções de aço construídas pelos homens, podem ser num momento reduzidas a montes de restos.' E depois de várias citações bíblicas convenientes, conclui, portanto, que na Terra não há refúgio possível, e termina convidando toda a alma aflita a encontrar na Jerusalém celestial o seu único refúgio." "O conselho não será muito consolador para a Humanidade, evidentemente cercada de perigos, e para quem a clássica Terra firme é tão sólida quanto as ondas giratórias do Oceano; mas, no entanto, é um conselho; e, como último recurso, é eficaz na medida do possível, dado a vida miserável que o Homem desperdiça na Terra." Rentfro apresenta este artigo como uma oportunidade evangelística: "Nesta experiência, vejo possibilidades para o futuro em apresentar a verdade às pessoas. Com a ajuda do Pastor Schwantes, verei se eles publicam um esboço da nossa fé, com algo sobre liberdade religiosa..."³

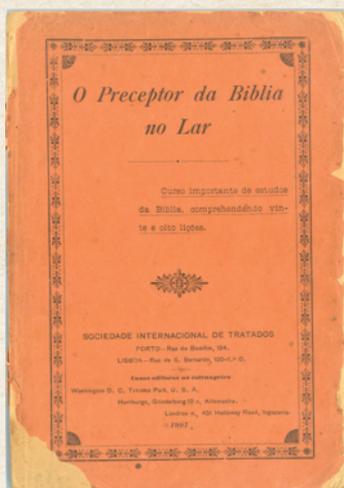
RH, 8 DE NOVEMBRO DE 1906, P. 18. Este é o primeiro artigo de Ernesto SCHWANTES, Pastor brasileiro recém-chegado a Portugal e primeiro colaborador de Rentfro. Ao mencionar os primeiros frutos dos seus esforços evangelísticos, vê num jovem interessado um potencial obreiro bíblico. Antevê batis-



mos para breve, entre os quais o de uma senhora inglesa, Lucy Portugal. As suas duas sobrinhas também estão a estudar a Bíblia, tendo o apoio do pai, que se comprometeu a respeitar a sua decisão. Schwantes anuncia que deverá deixar Lisboa para ir "plantar o estandarte da verdade" no Porto.⁴

RH, 20 DE DEZEMBRO DE 1906, PP. 13 E 14.

Esta crónica tem o título "Primeiro Batismo em Portugal" e começa com estas palavras: "Tenho a certeza de que vocês se juntam alegremente a nós pela vitória da verdade, neste país fustigado pelo pecado." Depois de grande pressão adversa, foram batizados, na sexta-feira, dia 21 de setembro, pelas 20h30, na praia de Carcavelos, António Figueiredo, sua esposa Maria, seu irmão Alberto (um jovem de 17 ou 18 anos) e Lucy Portugal. No Sábado à tarde celebraram a Santa Ceia. Rentfro e a esposa participaram, depois de quase quatro anos sem o fazer. Informa que, no dia 27 de setembro, o Pastor Schwantes e a sua família irão para o Porto, para aí iniciar a Obra Adventista, e, em meados de outubro, seguir-se-ão António Figueiredo, a sua esposa e a sua filha. António continuará o seu trabalho de venda de botijas de gás, e será Colportor Evangelista a tempo parcial.



O seu irmão (Alberto Figueiredo) ficará com a família Rentfro, ajudando na evangelização, e preparando-se para o trabalho de Colportor Evangelista. Comenta que o trabalho de Colportagem autossustentável é praticamente impossível, e faz um apelo para apoiar os Colportores: “Qual é a Igreja que está disposta a apoiar dois jovens trabalhadores em Portugal? Ou que Conferência gostaria de patrocinar dois Colportores por trezentos dólares?”⁵

RH, 27 DE DEZEMBRO DE 1906, P. 13. Participação inabitual de C. E. Rentfro na rubrica “Lar e Saúde” sobre o tema da “obediência”, baseado no texto bíblico de I Samuel 3:1-4. “Nessas palavras, descobrimos um segredo que realmente não é segredo. Vemos o resultado de um treino e de uma educação adequados por parte dos pais. E o que é isso? – Obediência imediata... Pais, como é importante educar os nossos filhos com hábitos de estrita obediência. Essa educação pode resultar na sua salvação eterna.”⁶

RH, 3 DE JANEIRO DE 1907, P. 19. Relata com entusiasmo o sábado passado na companhia de três irmãos africanos que estavam de viagem para a África Central. Estes infor-

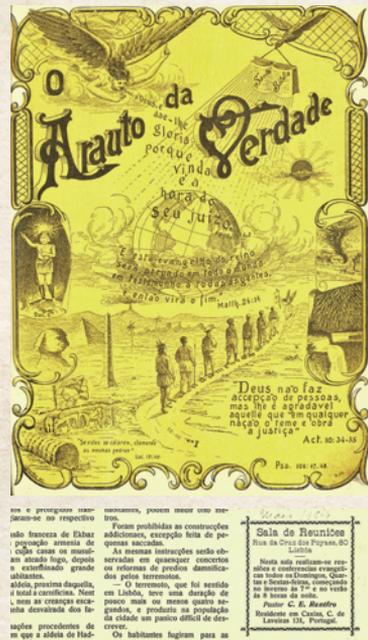
maram que a sua tribo tem contacto tanto com os Ingleses como com os Portugueses, e que, há quatro anos, havia entre eles cerca de 100 observadores do Sábado. Mais uma vez, Rentfro refere-se à Obra de Colportagem, informando que, agora, têm Colportores mas falta-lhes material para vender. Já tem uma parte do dinheiro para imprimir 1000 exemplares do *Precetor da Família no Lar*, e apela por ajuda para o restante.⁷

RH, 14 DE FEVEREIRO DE 1907, P. 18. Regozija-se do facto de os primeiros convertidos de Portugal se manterem fiéis nos dízimos e envolvidos no serviço missionário. Informa que os Protestantes imprimiram um folheto de quatro páginas contra a Doutrina Adventista, mas enaltecendo as virtudes dos crentes como “um exemplo de sinceridade e pureza de vida”. Este facto tem levado mais pessoas a intrigarem-se e a procurar saber mais. Informa ter preparado um folheto de quatro páginas, apologia da Lei de Deus e do Sábado, onde apresenta declarações de eminentes Protestantes e Católicos, com argumentação bíblica, e um convite para frequentar as reuniões de estudo. Rentfro informa que as portas dos jornais abrem-se para anunciar as crenças Adventistas em Portugal.⁸

RH, 2 DE MAIO DE 1907, P. 14. No relatório do Presidente da Divisão Europeia, L. R. Conradi, ficamos a saber que a Missão de Portugal teve os seus primeiros seis batismos no ano, fazendo aumentar o número de membros de dois para 11, distribuídos por duas salas de culto, uma em Lisboa e outra no Porto. Este crescimento refletiu-se também no aumento dos dízimos e das ofertas. A Igreja conta com dois Pastores e um Colportor que trabalhou na maior parte do ano.⁹

RH, 9 DE MAIO DE 1907, P. 19. Esta crónica de Ernesto Schwantes é um testemunho do primeiro choque de cultura evangelística de um Pastor brasileiro Adventista em Portugal: “Verifiquei, ao semear a semente em Portugal, que leva mais algum tempo para o fruto aparecer. No Brasil, encontramos em toda a parte portas abertas entre ricos e pobres. Os homens podem não aceitar a verdade, mas estão dispostos a ouvi-la. Mas, em Portugal, não é assim. É difícil entrar nas casas das pessoas. Elas são fanaticamente Católicas na religião, ou zombadoras e incrédulas. Onde as podemos abordar é apenas nas ruas e em lugares abertos, onde temos a oportunidade de falar com as pessoas e distribuir Literatura.” Informa que um jovem recém-batizado está a ser treinado pelo Pastor Rentfro no Ministério da Colportagem. Os seus pais receberam estudos bíblicos e foram batizados em dezembro último. Entre as pessoas que estudam a Bíblia com o Pastor Rentfro estão um professor e um pregador Protestantes. No Porto, um casal e a sua filha aceitaram a verdade e prepararam-se para serem batizados, estando já a mãe e a filha a ajudar com a música nas reuniões.¹⁰

RH, 30 DE MAIO DE 1907, P. 18. Rentfro apresenta o testemunho de uma senhora que viu um anúncio numa revista (*O Arauto da Verdade*), procurou a sala de reuniões e está a participar regularmente com a filha adolescente. Ao ver um jovem lenhador que cortava com determinação um grande tronco sem as ferramentas adequadas, pensou no desafio da Obra missionária em Portugal – O trabalho é árduo, com poucos recursos, os progressos são lentos, mas a tarefa será concluída. Informa terem recebido cerca de 50 dólares para a aquisição de um órgão que já está encomendado.¹¹



RH, 11 DE JULHO DE 1907, P. 5. No relatório da União Latina, apresentado no Conselho da Conferência Geral, realizado em Gland (Suíça), o Secretário-Geral, W. A. Spicer, testemunha dos progressos evangelísticos da equipa E. Schwantes e C. E. Rentfro, em Portugal. Spicer informa que, em Lisboa, um pregador Protestante advertiu os membros da sua igreja, afirmando que os Adventistas eram agentes do diabo. Movido pela curiosidade, um dos ouvintes procurou o local da reunião Adventista, acabando por ser conquistado pela verdade. No Porto, depois de se quebrar o preconceito, cerca de 150 pessoas, no sábado, e 300, no domingo, vêm ouvir a Palavra de Deus. Certa vez, o Pastor Schwantes foi apedrejado e um Colporteur foi atacado, e, provavelmente, teria sido morto, se não fosse a intervenção dos simpatizantes. Muitas pessoas de várias aldeias vizinhas vieram assistir ao culto no domingo de Páscoa. Nesta igreja, foram batizadas oito pessoas e sete aguardam os próximos batismos. O Pastor Spicer relata que o principal

Revista brasileira *O Arauto da Verdade*, distribuída em Portugal por Clarence Rentfro e pelos primeiros Colportores Adventistas. Na última página do número de maio de 1909, estão indicadas as moradas da sala de reuniões em Lisboa e da residência pastoral.



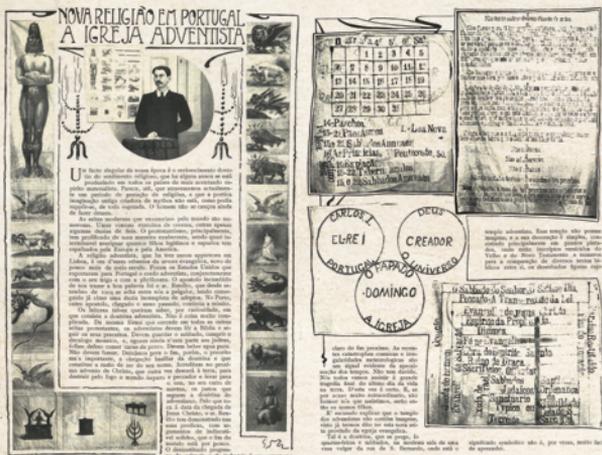
jornal diário e o principal jornal ilustrado de Lisboa publicaram uma notícia sobre a Igreja Adventista em Portugal e outros jornais replicaram estas informações.¹²

RH, 29 DE AGOSTO DE 1907, P. 15. Esta crônica tem como título “Um jornal diário publica a verdade” e descreve, com entusiasmo, uma notícia publicada no jornal *O Século*, que era distribuído em Portugal, em África, no Brasil, na Índia e na América. O artigo de 28 de março de 1907 tem como título “O Fim do Mundo – Uma Nova Religião em Lisboa”. Descreve as crenças, as práticas e as reuniões da Igreja Adventista do Sétimo Dia, apresentando uma fotografia de C. E. Rentfro, com um mapa da simbologia profética atrás de si. Na sua entrevista, Rentfro aproveitou a oportunidade para convidar o jornalista para uma conferência sobre o tema “O Destino dos Mortos”. Como consequência, muitas pessoas ficaram curiosas e vieram assistir, entre as quais um pregador Episcopal. Rentfro tinha passado todo esse dia fora da cidade, treinando um Colportor na distribuição de Literatura e na venda de Revistas (*O Arauto da Verdade*), mas Deus ainda lhe deu forças para apresentar o tema da noite.¹³

RH, 27 DE FEVEREIRO DE 1908, P. 17. Relata que um irmão escreveu dois artigos sobre o Sábado bíblico que foram publicados em três números de um jornal diário de grande tiragem. A ocasião foi suscitada pelo facto de um Município na zona do Porto ter escolhido como dia de descanso o sábado, na aplicação da Lei do Descanso Semanal, que permitia essa opção por conveniência comercial. Informa que os Colportores da Sociedade Bíblica continuam a ser presos, acusados pelos Padres. Apresenta o acórdão do Supremo Tribunal de Lisboa, anulando uma condenação de um Colportor da Sociedade Bíblica, baseando-se nos seguintes argumentos: “A Bíblia Protestante não contém palavras ou frases que não estejam também na Bíblia Católica; este vendedor não é um proselitista; a religião Protestante é permitida em Portugal, sendo o Colportor agente da filial autorizada da *British and Foreign Bible Society*; e, porque está declarado na Carta Constitucional (Artigo 145, parágrafo 4), que ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, desde que respeite a do Estado, e não ofenda a moral pública.” O acórdão termina afirmando ser até desejável que, a exemplo dos Protestantes, os Católicos divulguem as suas Bíblias em edições de baixo custo, como acontece com as Bíblias Protestantes que são também usadas pelos Católicos. Rentfro vê neste acontecimento um sinal de que o país se abre mais para a Palavra de Deus. Apresenta o testemunho de um Sargento do Exército que o abordou e que está muito interessado na Palavra de Deus. Ele comprou uma Bíblia, está a estudá-la e assiste regularmente às reuniões. Parou de fumar e deseja guardar o Sábado, mas tem medo de ser condenado por desobediência.¹⁴

RH, 23 DE ABRIL DE 1908, P. 18. O Pastor Rentfro, que morava em Caxias, relata que vai quatro vezes por semana a Lisboa para pregar, visitar interessados e dar estudos bíblicos. Afirma ter-se deslocado ao Porto para ajudar o Pastor Schwantes nas campanhas. Apresenta o testemunho de um carteiro, com quem se tem correspondido, no seguimento da abordagem pela Colportagem, que lhe comprou uma Bíblia. Posteriormente, este homem acabou por comprar todos os livros e um mapa profético, que está exposto na sua sala. Foi organizada uma Escola Sabatina em sua casa e a sua esposa já é uma guardadora do Sábado. Afirma estarem a orar por um alvo de 10 batismos antes da próxima reunião campal. Testemunha que, no passado, pediam a Deus: “Ó Senhor, dá-nos, pelo menos, uma alma, mais uma alma”, mas passaram a pedir por um alvo quantificado. Agradece os donativos para a compra do órgão musical. Apesar dos tempos difíceis, afirma: “No entanto, um Remanescente será salvo. Certamente, alguns entrarão no Reino de Deus, vindos deste país.”¹⁵

RH, 21 DE MAIO DE 1908, P. 16. Crónica de Ernesto Schwantes, enviada do Porto. Informa que a esposa e a filha regressaram ao Brasil no ano transato. Depois de seis semanas com o Pastor Rentfro em Lisboa, voltou ao Porto, onde apresentou uma campanha de evangelismo, com uma assistência muito mais numerosa do que a capacidade da sala, que podia receber cerca de 100 lugares. Como não tinha ninguém para a música, o irmão Rentfro juntou-se a ele durante algumas semanas, tocando órgão e dirigindo os cânticos. Com as portas abertas, a música e os cânticos atraíram muitos que se aproximavam e permaneciam a ou-



vir. Acompanha um jovem interessado, para que se torne num futuro obreiro.¹⁶

RH, 23 DE JULHO DE 1908, P. 12. Esta é uma crónica citadina sobre os sons e ruídos da Capital, ambiente “desgastante para os nervos”. Informa ter recebido um donativo de 100 dólares, enviado por irmãos do Colorado, da Califórnia, do Nebraska e do Iowa, para a compra de um órgão que já está na sala do Porto. Informa que o Pastor Schwantes faz planos para voltar ao Brasil, e agradece a ajuda dos jovens da Pensilvânia e do Iowa para o campo português.¹⁷

RH, 5 DE NOVEMBRO DE 1908, P. 12. Descreve longamente a história da cidade do Porto, desde as invasões bárbaras, em 396 AD, a sua arquitetura e os personagens famosos. Informa que, das Denominações Protestantes, existiam no Porto os Metodistas, os Batistas e os Luteranos, tendo-se iniciado a Obra Adventista há dois anos, com o Pastor Ernest Schwantes e dois Colportores. Como o evangelismo porta a porta não é permitido, é na sala de culto que se dá a instrução bíblica. Sentimos neste relatório uma tristeza pela perda de membros. Dos onze batizados no Porto durante o ano, quatro foram para o Brasil, dois mudaram-

Artigo fotográfico publicado na Revista “Ilustração Portuguesa”, de 15 de abril 1907, pp. 469 e 470, com o título “Nova Religião em Portugal — A Igreja Adventista”.

rebatismo. A Igreja em Portugal era constituída por vinte e cinco membros, havendo um cuidado especial em proporcionar trabalho evangelístico para cada membro, o que reforçava o interesse e a alegria e libertava os Obreiros para o evangelismo. Ficamos também a saber que a Sociedade de Jovens distribuía Revistas em inglês, alemão e português, Literatura financiada pelas Sociedades de Jovens no Leste da Pensilvânia, na Califórnia e pelas Conferências do Iowa. Rentfro informa que foram dedicadas 453 horas de trabalho de ajuda cristã no tratamento de doentes. A Escola Sabatina tinha a participação regular de cerca de trinta alunos, e o Departamento dos Primários contava com dois professores. Apesar do contexto social tenso, as reuniões não tinham proteção policial, estando a Igreja dispensada da licença governamental e do imposto usual.²¹

RH, 16 DE JUNHO DE 1910, VOL. 87, Nº 24, P.

15. Número especial sobre a história das Missões Adventistas. A família Rentfro encontra-se de novo sozinha no Ministério em Portugal, depois da saída do Pastor Schwantes. Durante este ano, realizaram-se 13 batismos, terminando o ano com 23 membros. Mais seis interessados aceitaram o Sábado e estão a ser preparados para o batismo. Neste relatório, é revelada a dificuldade de as pessoas abandonarem o costume do uso de joias. Rentfro lamenta as perdas de membros. Informa que três membros emigraram para África, criando expectativas para a evangelização nesse lugar (Angola). Informa que tem visitado pessoas interessadas no Porto, e fez uma viagem de burro às montanhas, no Norte de Portugal, onde uma família de três pessoas mantém viva a luz da verdade, apesar de perseguições. Após o terramoto de 23 de



abril de 1909, iniciaram o jornal *Os Sinaes dos Tempos*, que passou a ser usado na Colportagem, assegurada por um jovem de 18 anos.²²

Ao analisarmos os temas e a estrutura de pensamento do Pastor Rentfro, expressos nos seus textos nesta fase em que já tem alguns colaboradores no Ministério e alguns membros de Igreja, tornam-se evidentes os seguintes aspetos importantes:

- Espírito de entreaajuda no Ministério.
- Envolvimento dos membros no evangelismo pessoal.
- Penetração evangelística em novos territórios.
- Fortalecimento da fé e da fidelidade dos novos membros.
- Não diminuir o ímpeto missionário perante as adversidades, e manter uma atitude otimista.
- Importância dada à Colportagem evangelística como apoio missionário.
- Produção de materiais evangelísticos (Revistas, livros e folhetos).
- Procura e preparação de futuros Obreiros, Colportores e Pastores.
- Procura de ajuda e de recursos no exterior (Brasil e Estados Unidos da América), através dos canais regulares.

for the courts of God. By rejecting it, we reject His instruction, and choose eternal separation from His presence."—*Christ's Object Lessons*, page 381.

8. *What should their souls live in, serve their own interests never expect?*

"Let none suppose that they can live a life of selfishness, and then, having served their own interests, enter into the joy of their Lord. In the joy of unselfish love they could not participate. They would not be fitted for the heavenly courts. They could not so pervade the pure atmosphere of love that pervades heaven. The voices of the angels and the music of their harps would not satisfy them."—*Christ's Object Lessons*, page 381.

9. *With whom will the great Judge place those who have drifted along, and who have sought to please themselves?*

"Those who have drifted along, carrying no responsibility, thinking of themselves, placing themselves, will be placed by the Judge of all the earth with those who did work. They receive the same condemnation."—*Christ's Object Lessons*, page 381.

10. *In instead of walking up with confidence, with what should we come in expending?*

"I know that he is greatly displeas-

ed. What is the sin that is most displeasing?"

"God can not connect with those who live to please themselves, to make themselves free. Those who do this will in the end be lost of all. This sin is more costly to please and incalculable in pride of opinion, self-esteem. This stands in the way of all growth. When a man has defects of character, yet fails of realizing this, when he is so imbued with self-sufficiency that he can not see his faults, how can he be blessed?"—*Testimonies for the Church*, Vol. VII, page 500.

11. *What, were they doing anything else, must our communion with God and one another?*

"How often our service to Christ, our communion with one another, is marred by the secret desire to exalt

"Before honor is high place before the workers who take a lonely place more difficult than content in labor for intelligence can see who is working, not a sive soul."—*Idem* 578.

12. *When an individual is responsible for it, what, what results?*

"But when some feeling that they are not in working, not a success of God's graces them, he is so evident that the Lord upon them. The a because of their sin goes forward with

"Drove of sleep." 18. *Of what must fear God can do any recovery of man his own weakness, self-sufficiency, he is control of God. They give that God is a From the soul that it ing a wilderness. If across the sea, in death."—*Desire of the Ages*, page 101.*

"What can you do alone can you put in the Lord's work. In the background of the



A BAPTISM OF BELIEVERS IN LISBON, PORTUGAL.

- Respeito pelas Autoridades.
- Intencionalidade de Discipulado: ir, ensinar/treinar, batizar.
- Os batismos e a retenção de membros são objetivos essenciais para o crescimento e para o desenvolvimento da Igreja.

Constatamos, nesta fase, um dinamismo tenso entre o crescimento lento do número de membros e a perda por várias razões, inclusive a apostasia. Até chegar a 30 membros de Igreja, o risco de instabilidade no que diz respeito a um crescimento sustentável é significativo. O crescimento sustentável é lento nos primeiros anos, exigindo muita perseverança, espírito de sacrifício e fé. Clarence Rentfro, um ex-Colportor, fez um verdadeiro trabalho discipulador. Regularmente, acolhia em sua casa um Colportor, para treiná-lo e ensinar-lhe como colportar e evangelizar. Também iniciava todos os membros de Igreja na Colportagem entre os amigos e a testemunhar da fé. Depois de ter recebido a colaboração, durante cerca de três anos, de um Pastor ordenado, que falava português, encontrava-se de novo sozinho, até ao ano seguinte (1911). O espírito perseverante e resiliente de Clarence E. Rentfro e da sua esposa foram fundamentais para continuar o trabalho pastoral e evangelís-

tico. O começo da Obra Adventista em Portugal foi difícil, de desenvolvimento lento, mas garantido pela presença de Deus e pela dedicação deste casal missionário e dos primeiros Obreiros, Pastores, Colportores e membros.

[CONTINUA...]

- | | |
|---|--|
| <p><u>1</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19060913-V83-37.pdf</p> <p><u>2</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/ST/ST19060523-V32-20.pdf</p> <p><u>3</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19061011-V83-41.pdf</p> <p><u>4</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19061108-V83-45.pdf</p> <p><u>5</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19061220-V83-51.pdf</p> <p><u>6</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19061227-V83-52.pdf</p> <p><u>7</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19070103-V84-01.pdf</p> <p><u>8</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19070214-V84-07.pdf</p> <p><u>9</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19070502-V84-18.pdf</p> <p><u>10</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19070509-V84-19.pdf</p> <p><u>11</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19070530-V84-22.pdf</p> | <p><u>12</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19070711-V84-28.pdf</p> <p><u>13</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19070829-V84-35.pdf</p> <p><u>14</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19080227-V85-09.pdf</p> <p><u>15</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19080423-V85-17.pdf</p> <p><u>16</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19080521-V85-21.pdf</p> <p><u>17</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19080723-V85-30.pdf</p> <p><u>18</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19081126-V85-48.pdf</p> <p><u>19</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19081105-V85-45.pdf</p> <p><u>20</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19091028-V86-43.pdf</p> <p><u>21</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19091209-V86-49.pdf</p> <p><u>22</u> https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/ARAI/ARAI19090616-V87-24.pdf</p> |
|---|--|

As Revistas *Review and Herald* mencionadas neste artigo podem ser consultadas nos links indicadas, acessíveis na revista digital disponível no site da Revista Adventista.



Um livro é assim...



... em qualquer momento
e em qualquer lugar.



Envolva-se!

DEPARTAMENTO DOS MINISTÉRIOS DAS PUBLICAÇÕES

Visita-nos Rua da Serra, nº 1 – Sabugo, 2715-398 Almargem do Bispo
Telefona-nos 966 513 093 ou escreve-nos publicacoes@adventistas.org.pt